

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM PROFISSIONAL EM LETRAS

RENATA PEREIRA VIEIRA

**O TEXTO POÉTICO POR MEIO DE SARAU LITERÁRIO: INTERVENÇÕES COM
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Vitória

2020

RENATA PEREIRA VIEIRA

**O TEXTO POÉTICO POR MEIO DE SARAU LITERÁRIO: INTERVENÇÕES COM
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Proletras, do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Lucas dos Passos e Silva

Vitória

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

V658t Vieira, Renata Pereira.

O texto poético por meio de sarau literário : intervenções com alunos do ensino fundamental II / Renata Pereira Vieira. – 2020.

121 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Lucas dos Passos e Silva.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Vitória, 2020.

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira – Poesia – Estudo e ensino. 3. Poesia escolar. 4. Leitura -- Estudo e ensino. 5. Escrita. 6. Ensino fundamental. I. Silva, Lucas dos Passos e. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21: 869.1

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

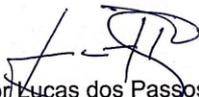
RENATA PEREIRA VIEIRA

**O TEXTO POÉTICO POR MEIO DE SARAU LITERÁRIO: INTERVENÇÕES COM
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

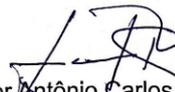
Aprovada em 25 de junho de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA



Doutor Lucas dos Passos e Silva
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientador

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutor Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

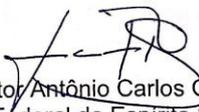
RENATA PEREIRA VIEIRA

VIEIRA, Renata Pereira; SILVA, Lucas dos Passos e. **Minha Pátria, Minha Língua - Sarau Literário (Manual Pedagógico)**. Vitória: Ifes, 2020. 86 p. (E-book).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 25 de junho de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutor Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

Dedico essa pesquisa a todos os meus alunos e ex-alunos, que ao longo desses anos participaram da produção dessa aventura incrível que se chama Sarau Literário. Minha gratidão, amor eterno e um pedido: se me esqueceres, esqueça-me bem devagarzinho, afinal, queridos, é por vocês que tudo vale a pena.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me sustentou até aqui, a Ele, toda honra e glória.

Aos meus pais, que fizeram de mim o que eu sou hoje, toda a minha gratidão, amor e respeito. Aos meus irmãos, que sempre acreditaram em mim e no meu trabalho. Aos meus filhos Leonardo, Laura, meu neto João, que desde muito cedo entenderam que minha vocação maior era ensinar e sempre se orgulharam disso. Obrigada a meu genro, João Marco, e família pela parceria. A todos aqueles que, mesmo não sendo parentes de sangue, fazem parte da família que eu escolhi ter para mim, eu sei o quanto vocês me amam e o que vocês representam na minha vida.

Aos meus amigos, todos eles reconhecidos, desde tempos imemoriais, como diriam os poetas. Os que chegaram há pouco tempo, mas já fazem morada em meu coração e os que vêm percorrendo a mesma estrada, partilhando dos mesmos valores, lutando contra moinhos de vento e saboreando o que a vida nos traz de melhor, vocês, bichos iguais a mim, me fazem o que sou agora: humana e simples, ser que ninguém mais explica.

Ao professor Lucas dos Passos, por todas as orientações, correções e sugestões. Agradeço sua disponibilidade e paciência sempre. Obrigada por tudo!

À professora Letícia Queiroz de Carvalho, atual coordenadora do ProfLetras-lfes, pela sabedoria e atenção comigo. Ao professor Antônio Carlos Gomes e ao professor Raimundo Carvalho, por todas as considerações que fizeram em minha qualificação. E a todos os demais professores do curso.

Aos meus queridos companheiros do mestrado, em especial a Aline Saraiva, Jaqueline Canedo e Marco Antônio Vieira, que fizeram essa jornada mais leve e divertida.

Às minhas gestoras, Áurea Regina Légora de Oliveira e Adriana David Nogueira, pelo apoio tanto no início do mestrado quanto no desenvolvimento da pesquisa. À Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, por ter concedido licença para que

eu pudesse me dedicar ao mestrado e trazer contribuições para a educação do município, e à CAPES, pela bolsa de estudos.

E por último, mas não menos especial, minha eterna gratidão aos meus alunos e ex-alunos que colaboram com tanto amor e dedicação com a produção do sarau. Agradeço a cada um pelas colaborações, pelo entusiasmo, pelo comprometimento e principalmente pela alegria. Sem vocês nada disso teria acontecido. Sem dúvida vocês são as peças mais importantes dessa pesquisa. Obrigada de coração e vida longa aos nossos saraus! Amo vocês para sempre!

Gosto de sentir a minha língua roçar
a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar
confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangureira! Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

(Caetano Veloso)

RESUMO

A presente pesquisa faz parte da linha de pesquisa de Estudos Literários, do Mestrado Profissional de Letras (PROFLETRAS), do Instituto Federal do Espírito Santo, e tem como fim estimular os alunos à leitura de textos poéticos, no sentido mais abrangente que a literatura pode assumir, inclusive em seus aspectos sociais, bem como tentar ajudar professores nessa tarefa de conquistar os alunos para esse tipo de gênero. Entendendo, portanto, esses textos para além da prática utilitarista, superficial e didática tão adotada pelas escolas, este trabalho busca, por meio de sarau literário, investigar estratégias para desenvolver no aluno o gosto e o interesse pela poesia, instigando-o a interagir criativamente com essa leitura, promovendo assim o resgate do texto poético e deixando que a literatura aja como instrumento de fruição, estética, instrução e transformação. Para o alcance desses objetivos precisamos considerar a literatura – e, em especial, a poesia – como um direito universal e como fenômeno estético, fugindo da visão que a utiliza como mero instrumento pedagógico. Diante disso, recorreremos a concepções teóricas de estudiosos como Antonio Candido, Rildo Cosson, Paulo Freire e Marisa Lajolo, entre outros que figuram no cenário acadêmico, sobretudo no que tange ao trabalho com a leitura, entendendo que cabe à escola proporcionar experiências artísticas, como leitura de obras literárias, teatro, dança música, além de estímulos à oralidade. Essas reflexões foram a força motriz para a realização de pesquisas referentes a uma importante manifestação da oralidade poética, que são os saraus literários. Ainda, com base na revisão bibliográfica de experiências semelhantes e em estudos que tratam da abordagem do texto poético como manifestação performática, sobretudo em contexto escolar, tentamos reunir reflexões teóricas acerca de performance, recepção, mediação e leitura, fundamentados nas concepções de estudiosos do assunto, como Paul Zumthor, Jauss, Iser e Michele Petit. Por fim, apresentamos a realização de um sarau poético que ocorre na escola “EMEB Galdino Theodoro da Silva”, Cachoeiro de Itapemirim (ES), e concluímos, portanto, que manifestações orais, aliadas à performance, como são feitas através de saraus literários, poderiam ser mais valorizadas, pois podem contribuir significativamente para a leitura de textos literários.

Palavras-chave: Poesia. Práticas de leitura. Ensino. Sarau literário.

ABSTRACT

This research is part of the line of research in Literary Studies, of the Professional Master of Letters (PROFLETRAS), from the Federal Institute of Espírito Santo, and aims to encourage students to read poetic texts, in the broadest sense that literature can assume, including in its social aspects, as well as trying to help teachers in this task of winning students for this type of gender. Understanding, therefore, these texts, in addition to the utilitarian, superficial and didactic practice so adopted by schools, this work seeks, through a literary evening, to investigate strategies to develop in the student the taste and interest in poetry, instigating him to interact creatively with this reading, thus promoting the rescue of the poetic text and letting literature act as an instrument of fruition, aesthetics, instruction and transformation. To achieve these goals, we need to consider literature - and, especially, poetry - as a universal right and as an aesthetic phenomenon, running away from the vision that uses it as a mere pedagogical instrument. Therefore, we resort to theoretical conceptions of scholars such as Antonio Candido, Rildo Cosson, Paulo Freire and Marisa Lajolo, among others that figure in the academic scenario, especially with regard to work with reading, understanding that it is up to the school to provide artistic experiences, such as reading literary works, theater, dancing music, as well as stimulating orality. These reflections were the driving force for the realization of researches related to an important manifestation of poetic orality, which are literary soirees. Still, based on the bibliographic review of similar experiences and studies that deal with the approach of the poetic text as a performance manifestation, especially in the school context, we try to gather theoretical reflections on performance, reception, mediation and reading, based on the concepts of scholars of the subject, such as Paul Zumthor, Jauss, Iser and Michele Petit. Finally, we present the realization of a poetic soiree that takes place at the school "EMEB Galdino Theodoro da Silva", Cachoeiro de Itapemirim (ES), and we conclude, therefore, that oral manifestations, combined with performance, as they are done through literary soirees, could be more valued, as they can contribute significantly to the reading of literary texts.

Keywords: Poetry. Reading practices. Teaching. Literary soiree.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - EMEB “Galdino Theodoro da Silva”	52
Figura 2 - Quadra Poliesportiva.....	53
Figura 3 - Ilustração de poemas.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CONDENADA AO LIRISMO	15
1.1.	OBJETIVO GERAL:.....	20
1.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
2	REVISÃO DA LITERATURA	22
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
3.1	O SARAU E A ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	34
3.2.	O QUE FAZ DE UM TEXTO UM POEMA?	43
3.3	POESIA, MÚSICA, DANÇA – A PERFORMANCE	47
4	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	52
4.1	A ESCOLA EMEB GALDINO THEODORO DA SILVA.....	52
4.2	A METODOLOGIA	54
4.3	MÉTODOS DE ABORDAGEM.....	57
5	ANÁLISE DOS DADOS	61
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
6.1	PRIMEIRO MOMENTO – MAS, AFINAL, O QUE É UM SARAU?	65
6.1.1	Aulas 1 e 2: Mas afinal, o que é um sarau?.....	66
6.1.2	Aulas 3 e 4: Minha Língua, Minha	66
6.2	SEGUNDO MOMENTO – O TEMA E A DIVISÃO DE TAREFAS	69
6.2.1	Aulas 5 e 6: As Grandes Navegações.....	69
6.2.2	Aulas 7 e 8: O que quer, o que pode essa língua?	72
6.2.3	Aulas 9 e 10: Roda de leitura de poemas	74
6.2.4	Aulas 11 e 12: Trovadorismo.....	75
6.2.5	Aulas 13 e 14: Ilustrando cantigas contemporâneas	77
6.2.6	Aulas 15 e 16: O poder da palavra falada.....	79

6.2.7 Aulas 17 e 18: Declamações.....	80
6.2.8 Aulas 19 e 20: Um pouco de teoria musical.....	81
6.2.9 Aulas 21 e 22: Poesia, música, dança e teatro	82
6.2.10 Aula 23 e 24: A poesia em movimento	82
6.3 TERCEIRO MOMENTO – A ENTREGA DOS ROTEIROS	83
6.4 QUARTO MOMENTO – ENSAIOS E DIVULGAÇÃO.....	84
6.5 QUINTO MOMENTO – AS APRESENTAÇÕES NO TEATRO	85
6.6 SEXTO MOMENTO – ACABOU, E AGORA?	86
7 PRODUTO EDUCACIONAL	89
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A – Explicação do roteiro do sarau <i>Minha Língua, Minha Pátria</i> .	98
APÊNDICE B – Roteiro <i>Minha Língua, Minha Pátria</i>	99
ANEXO A – Modelo de autorização feita para a direção da escola	121
ANEXO B – Modelo de termo de assentimento livre e esclarecido aos pais dos alunos envolvidos no projeto da pesquisa.....	122

1 INTRODUÇÃO: CONDENADA AO LIRISMO

A gente deve atravessar a vida
como quem está gazeando a escola
e não como quem vai para a escola.
Uma vida não basta apenas ser vivida:
também precisa ser sonhada.

(Mario Quintana)

Nasci condenada ao lirismo. Eis o que me define, em uma paráfrase de Bartolomeu Campos Queirós, que diz que o homem nasceu condenado à leitura: eu fui além, fui sentenciada à leitura de ficção, de poesia e às canções. Aliás, nunca consegui fazer muita diferença entre letras de música e poemas. Leitura e música desde sempre foram meu maior prazer, lia quando ainda nem sabia ler e queria adivinhar as palavras, emocionavam-me melodias e canções sem sequer saber o porquê. Sentia prazer, sobretudo, na fantasia, na fabulação, na invenção e no lirismo. Quimeras e devaneios sempre foi meu gosto preferido e faziam parte de mim antes mesmo que eu entendesse o significado disso em minha vida.

A princípio a literatura e a música me chegavam aos ouvidos pela voz de meus pais e suas histórias lidas e inventadas, entremeadas por canções de Chico Buarque, Tim Maia, Roberto Carlos, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e tantos outros. Tive o privilégio de sempre ter livros e discos ao meu alcance. Nunca houve, em minha casa, músicas ou livros proibidos ou “de gente grande”. Aliás, presentes preferidos constantemente foram livros e discos, que muitas vezes vinham de Vitória, por não os encontrar em Cachoeiro de Itapemirim, cidade em que nasci e onde vivo até hoje.

Na sequência de leituras de infância não poderia deixar de citar minha avó paterna, que narrava todas as fábulas e contos de fada que conhecia desde que não fossem contadas de dia, afinal; segundo ela, “contar histórias de dia fazia criar rabo nas crianças”. É incrível como exercia em mim fascínio e temor por essa lenda. O que mais me encantava eram as histórias de Minas Gerais, onde minha avó nascera, em especial a história da Inconfidência Mineira, que ela tão engenhosamente misturava com a história de Marília e Dirceu. Contava-me tudo com a real certeza de que

Tomás Antônio Gonzaga, Dirceu, era o herói que fora obrigado a separar-se de sua dama por causa do exílio imposto aos inconfidentes e que nunca mais tivera outro amor; enquanto Maria Doroteia Joaquina, Marília, fora enclausurada em um convento. Os dois teriam trocado cartas a vida toda e esta definitivamente foi minha primeira grande história de amor. Muito me espantou quando aos 17 anos, já na faculdade de Letras, descobri que o Dirceu da minha adolescência tivera tantos outros amores em seu exílio. Nunca me atrevi a contar isso para minha avó: morreu acreditando em amores eternos.

A biografia dos autores e o gosto pelos cânones foram a mim apresentados por minha avó materna, que tinha lido todos, embora tivesse frequentado tão pouco a escola. Contava-me também histórias de uma ilha distante, no sul do Brasil, onde nascera. São Francisco era a ilha, que ela teve que abandonar, para acompanhar o marido e proporcionar vida melhor aos filhos. Era uma ilhazinha de Santa Catarina, que na sua voz saudosa e nostálgica mais parecia um lugar fantástico e que só existia em suas memórias. Histórias tantas eram contadas e recontadas, que, mesmo depois de muitos anos vivendo em Vila Velha, Espírito Santo, mesmo criando filhos e netos aqui, as lembranças tornaram minha avó estrangeira, exilada de sua terra natal. Nem o Alzheimer a fez esquecer as histórias de sua ilhota encantada e encantadora. De meu avô lembro-me da sala com cheiro de jornal, amo esse cheiro até hoje, ficou em minha memória olfativa. Foi deles que ganhei a coleção completa de Machado de Assis e José de Alencar.

Lembro-me de ter lido no primário, na terceira série, um livro que me deixou apaixonada: *Rosa Maria no Castelo Encantado*, de Érico Veríssimo. Sonhei ser Rosa Maria e ter como ela todas as minhas vontades atendidas. Apesar desse episódio, não tenho grandes lembranças de leitura na escola. Não houve espaço, nas aulas, dedicado à prática da leitura individual ou mesmo projetos coletivos em torno do texto literário que não o preenchimento de fichas obrigatórias para fazer provas ou resenhas. Nada que nos levasse ao prazer estético da leitura. Foram, na maioria das vezes, momentos em que a escola exercia o pragmatismo didático da obrigação de livros de literatura para cumprir o programa curricular. No entanto, mesmo assim, foi um pouco mais tarde, dentro de uma proposta pedagógica das aulas de arte, que conheci Maria Clara Machado e suas peças infantis, que eram

encenadas no auditório do colégio em que estudei. Essas obras me arrebataram. Isso me instigou ainda mais à procura por outros livros, e assim, por meio da biblioteca da escola conheci também *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll; Lygia Bojunga, com sua *A Bolsa Amarela*; *A casa da Madrinha*, *De olho nas penas*, sem contar os livros das coleções *Vaga-lume* e de *Agatha Christie*, além de *O menino do dedo Verde*, de Maurice Druon, que foram alguns clássicos da década de 1980.

No decorrer da adolescência começaram as leituras de textos mais densos. Li *Eu, Christiane F.* e impressionou-me sua história que por vezes deixava minha mãe preocupada quando lhe contava do livro. Mais tarde veio *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, e como não se apaixonar por Marcelo Rubens Paiva? Depois fui apresentada a Fernando Sabino, Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, Carlos Drummond de Andrade, em sua *Rosa do Povo*, os sonetos de Vinicius de Moraes, as crônicas de Rubem Braga e Luis Fernando Verissimo, entremeados a tantas outras leituras, como livros de faroeste, gibis de Mauricio de Souza, *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, *Brasil: nunca mais*, de Paulo Evaristo Arns, misturados a *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, poemas de Manuel Bandeira e o indefectível livro das misses *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Ou seja, experimentei um caldeirão de diferentes estilos que ainda eram embalados por canções da nossa música popular brasileira, constante influência de meus pais.

Por estudar em uma escola com uma grande biblioteca, decidi que ali seria meu lugar favorito e todos os livros que não tinha em casa eu pude pegar nessa biblioteca. Foram uma infância e adolescência permeadas de ficção, lirismo, aventuras e inúmeras canções de amor, em noites de serestas que aconteciam em nossa casa.

Condenada ao lirismo. Aceito a sentença. Amava os livros como amo até hoje, a beleza gráfica, as ilustrações, a capa, a contracapa, o cheiro, mas, principalmente, amava o que chegava diretamente a minha sensibilidade. Os livros me seduziram para sempre. Aprendi com eles a ler seu silêncio, a entender as entrelinhas que me levaram muito além do meu cotidiano e me fizeram viajar por lugares aos quais

nunca teria ido, senão através da leitura. Com a música aprendi a sentir muitas vezes o que não se diz através das palavras, mas através do ritmo, da melodia. Fui acalentada com as canções da minha terra, da minha gente, da minha língua. Tão clichê, tão natural em mim. Mas admito uma falha em minha formação: tão apaixonada pela literatura e pela música brasileira, não me aproximei dos clássicos universais, só bem mais tarde fui me achegando à literatura e às canções latino-americanas. De qualquer forma, posso dizer que fui uma pessoa de sorte: os livros e a música me foram apresentados desde muito cedo e fizeram de mim o que sou hoje.

Não houve outra escolha, nem outra vontade que não fosse cursar Letras. Ser professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira foi sonho realizado. Conheci outros tantos autores da literatura portuguesa, como Camões, Fernando Pessoa, Florbela Spanca, Miguel Torga, José Saramago. Quantos livros lidos e quantos ainda me aguardam. Pessoa de sorte eu fui, a mim foi garantido o direito aos textos poéticos por prazer e fruição, sem obrigações, descompromissadamente. E, talvez por isso, sempre tive o desejo de partilhar poemas, livros e canções, interagindo com o outro por meio da estética. Prazer maior me dá sentir o ressoar dessas experiências vividas, aguçando no outro a sensibilidade que nos torna mais atentos às dores do mundo.

Ainda na faculdade, aos 20 anos, em 1992, comecei a lecionar, e nesses 26 anos de sala de aula passei por diferentes experiências de leitura na escola. Junto ao currículo regular e tradicional, havia a interpretação de textos para o Vestibular, ou a obrigação dos livros para preenchimento de fichas de leitura, atividades mecânicas: muito didatismo, pouco prazer. Tudo isso me angustiava e me deixava tão distante das emoções que vivi em minha infância e adolescência. Percebi que meus alunos, em sua maioria, não tiveram a sorte de serem iniciados à leitura em suas famílias, o que muitas vezes lhes trazia estranhamento e desinteresse pelos textos poéticos. Afinal, a escola, que deveria ser meio incentivador de leitura e se preocupar com a formação do aluno como leitor, na maior parte das vezes, usa o texto como sinônimo de ampliação de vocabulário, exercício de ortografia, cópia e questões de compreensão que não avaliam mais do que a capacidade do aluno de retornar ao texto e repetir o que está escrito.

Senti em mim a vontade de dividir com meus alunos a prática de leitura que adquiri no decorrer dos anos e fui introduzindo nas aulas pouco a pouco a leitura despreocupada, com vistas à fruição: pequenos poemas, fábulas, canções, capítulos de livros, livros inteiros, encenação de peças teatrais etc. Foram momentos muitas vezes decepcionantes, mas aconteceram outros bastante líricos também, o que me fazia não desistir e acreditar que se não fosse através da escola meus alunos não teriam contato com essa literatura.

E assim fui ministrando minhas aulas, de forma instintiva, trazia aos alunos um pouco mais de poesia que o livro didático e o currículo escolar me permitiam, contudo me angustiava o pouco espaço e a pouca importância que o texto poético tinha na sala de aula. Até que decidi em 2000 fazer um evento sobre os 500 anos de descobrimento do Brasil em que os alunos encenariam um programa com canções, poemas, danças e manifestações culturais que representassem aquele momento. Foi um momento que juntou alunos do ensino fundamental e médio em torno de textos poéticos clássicos e atuais. É a partir dessa primeira experiência que todos os anos, organizo um sarau literário, seguindo um roteiro em que combino com os alunos o tema, sempre privilegiando o texto poético, seja ele em forma de verso, prosa, canções aliadas a danças ou trechos de filmes. Esse momento é esperado avidamente pelos alunos dos nonos anos, criando-se expectativas sobre o próximo tema do sarau, quando ocorrerá novamente, e ainda há a procura dos ex-alunos, que, já contagiados pelo que vivenciaram em anos anteriores, querem continuar participando desse evento, mesmo após terem deixado a escola.

O sarau do Galdino, como é chamado pelas pessoas próximas à escola, tem sido uma proposta de formação cultural em diálogo com linguagens atuais do teatro, da música e da dança, complementando, portanto, a leitura e declamação de textos poéticos. Aliada a isso, a apresentação desse sarau promove inúmeras possibilidades de aprendizado: escolha antecipada dos poemas e canções, produção de roteiros, ensaios, trazendo ao aluno envolvido nesse projeto um protagonismo que não se resume apenas à apresentação que ocorre no teatro, mas o envolve durante todo o ano escolar, proporcionando momentos com o antes, durante e depois do evento.

Sinto, com essa experiência, que os alunos e ex-alunos ao saírem da escola podem até esquecer datas, fórmulas ou conceitos, mas possivelmente recordarão a experiência íntima com o texto literário, levando, assim, para a vida novas possibilidades de se enxergar o mundo.

Em razão de toda a minha proximidade com o texto literário, com meu ingresso no Mestrado Profissional em Letras, (PROFLETRAS) do Instituto Federal do Espírito Santo, vi-me diante da oportunidade de refletir teoricamente sobre a minha prática, com vistas a incrementá-la. Ademais, tem como fim estimular os alunos à leitura de textos poéticos, no sentido mais abrangente que a literatura pode assumir, inclusive em seus aspectos sociais, bem como tentar ajudar professores nessa tarefa de conquistar os alunos para esse tipo de gênero. Entendendo, portanto, esses textos para além da prática utilitarista, superficial e didática tão adotada pelas escolas, este trabalho busca, por meio de sarau literário, desenvolver no aluno o gosto e o interesse pela poesia, instigando-o a interagir criativamente com essa leitura, promovendo assim o resgate do texto poético e deixando que a literatura aja como instrumento de fruição, estética, instrução e transformação. – tópico tão importante para o ensino de língua materna, de que trato mais adiante.

Partindo, portanto, dessa perspectiva, proponho como meta deste trabalho os seguintes objetivos:

1.1. OBJETIVO GERAL:

Estimular a leitura de textos poéticos, no Ensino Fundamental II, para além da prática utilitarista e superficial, mobilizando reflexões sobre a importância do evento literário sarau.

1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Interagir criativamente com o texto literário, evitando a mera decodificação de sentidos;

- Promover a apreciação do texto poético de forma questionadora e reflexiva acerca das diferentes formas de leitura;
- Trabalhar atividades cognitivas para o desenvolvimento da criticidade por meio de textos literários;
- Produzir, em forma de e-book, um guia descritivo sobre a formação do leitor por meio da produção de sarau literário, no Ensino Fundamental.

Para tanto, nosso trabalho pretende fazer primeiramente uma revisão de literatura, com base em publicações científicas (artigos, dissertações e tese) que sejam relevantes para a prática de leitura de diferentes textos poéticos no Ensino Fundamental II, confirmando, portanto, o texto literário e seu poder humanizador como foco de nossa pesquisa. No capítulo 2, vamos fundamentar teoricamente o trabalho com textos que tratem da importância da oralidade no Ensino de Língua Portuguesa, além de discutir o conceito de texto poético e da poesia oralizada com expressão corporal. No capítulo 3, apresentaremos a Metodologia usada no percurso da pesquisa, a escola em que será aplicado o sarau, bem como a apresentação da proposta do sarau literário como meio de leitura e método de abordagem de textos poéticos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.

(João Cabral de Mello Neto)

A partir de indagações de como estimular a leitura de textos poéticos no Ensino Fundamental II, para além da prática utilitarista e superficial tão comum nas aulas de português, iniciamos a pesquisa buscando no Portal da Capes, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no caderno da CESPUC, na revista de Estudos Literários Igarapé, bem como em outros sites de revistas, trabalhos como teses, dissertações e artigos acadêmicos que dialogassem com os seguintes pontos: o caráter humanizador e emancipatório do texto literário e formação de leitor; e produção de saraus literários como meio de conhecimento e divulgação de textos poéticos.

Muitos são os trabalhos nessa área; selecionamos, portanto, aqueles que mantinham maior ponto de contato com o tema de nossa pesquisa. Com o descritor *leitura*, selecionamos as teses de Qites (2006) e Tonin (2017), que encontram-se no quadro 1:

Quadro 1 – Pesquisa sobre leitura de textos literários e performance

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2006	QUITES, Aline Porto	A presença de texto literário na arte da performance.	Tese de doutorado	UFSC Florianópolis	Oralidade, Textos poéticos, performance.
2016	TONIN, Fabiana Bigaton	Leitura e fruição na escola: o que os alunos têm a dizer?	Tese de doutorado	UNICAMP Campinas	Leitura fruição; história oral.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Escolhemos a tese de doutorado de Aline Porto Qites (2006), apresentada ao centro de Comunicação e Expressão do Programa de Pós-graduação em Literatura, à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulada *A presença do texto literário na arte da performance*, que propõe, a partir de pressupostos teóricos e históricos estudados, uma outra visão do que seja um texto poético, entendendo-o

como um conjunto de trocas entre atuante e espectador, e sugere uma alternativa para redirecionar e melhorar a sistematização dos conteúdos de ensino de literatura.

Com esse intuito e para melhor compreender o que acontece com uma obra poética ao ser recriada na experimentação de textos performáticos, Quites (2006), em sua tese, avaliou a produção do grupo *Corpo de Letras*¹, que normalmente trabalha de forma coletiva, com fragmentos de escritos poéticos tradicionais aliados aos mais contemporâneos, além de canções, danças e improvisações, o que muito se assemelha à proposta dos saraus literários, por nós estudados.

O grupo foi acompanhado durante os anos de 2004 e 2005, período em que foram observados o processo de criação e a recepção da leitura de textos poéticos, além de uma potencialidade pouco explorada do estudo de literatura, que é associá-la à performance, termo usado pelo medievalista Paul Zumthor, um dos teóricos que Quites (2006) cita em sua tese, afirmando que o ser humano é multifacetado e por isso caberia tão bem na apresentação híbrida de um texto poético, em que se mistura a presença viva da voz com todas as possibilidades físicas e emocionais, trazendo um engajamento total do corpo com o ambiente.

Quites (2006) intenta mostrar que, ao apresentar o poema de forma híbrida, ele perderia suas supostas fronteiras e a leitura não seria mais diretamente do texto poético original, mas sim da performance. “É uma leitura da leitura” (QUITES, 2006, p. 5), como ela mesma declara amparada pelos teóricos Paul Zumthor, Diana Taylor, Renato Cohen, Roselee Goldberg, Richard Schechner e Walter Ong. Segundo essa estudiosa, o texto poético, quando não há uma análise pré-direcionada, acaba motivando uma liberdade maior de interpretações e, por ser exposto em outros ambientes, que não apenas o espaço escolar, torna-se menos institucionalizado, atingindo mais pessoas. Essa ideia, em muito, equipara-se à produção de saraus literários, objeto de nossa pesquisa.

Quites (2006) concorda com Zumthor (2018, p. 27), quando afirma que se deva “vincular os estudos literários à consideração das percepções sensoriais”; com isso a

¹ Corpo de Letras é um grupo, pertencente ao Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidade e Outras Linguagens, da Universidade Federal de Santa Catarina, que executa experimentos performáticos a partir de textos literários anos.

teoria da performance acaba fornecendo um novo aspecto ao texto poético, tirando dele o didatismo e tecnicismo tão cobrado nas escolas, para propor uma nova forma de se deparar com a obra poética. Ao deixar o código escrito combinar-se com a fala, os sons, a dança, as canções acompanhadas de instrumentos, os recursos visuais, as imagens, as encenações, acabam-se oferecendo variadas oportunidades para os alunos, ou qualquer outro receptor, tomarem parte de um texto poético em que eles possam realmente se reconhecer.

A performance, segundo Ong (1998, p. 16), sempre esteve ligada à cultura popular e se mantém presente nas comunidades desde a época mais remota até os dias de hoje. Possuindo uma visão otimista da era eletrônica, apesar de temer por uma linguagem mais econômica e instantânea, o autor enxerga que a língua precisa ter um caráter de inovação, no momento em que procura renovar-se, sem a necessidade de se separar o oral do escrito nos estudos literários. E Quites (2006) em sua tese deixa claro também defender essa ideia, o que mais uma vez torna semelhante nosso trabalho com sua pesquisa.

A nossa pesquisa, portanto, identifica-se com esse entendimento de Quites (2006) e dos teóricos pesquisados por ela, ao perceber que o poema pode estar aliado aos aspectos sonoros e corporais, buscando, de forma criativa, por novos recursos, em que se misturam textos canônicos e textos contemporâneos, valorizando, conseqüentemente, a arte popular, sem que se tire o direito, do aluno da periferia, de conhecer também os clássicos e o erudito, não desmerecendo o contato que ele já tem com sua cultura.

O principal aspecto de convergência entre nossa pesquisa e a tese de Quites (2006) foi como são executados os experimentos performáticos a partir de textos literários do grupo *O Corpo de Letras*, que resiste às declamações tradicionais, prima pelo improviso e pela informalidade, sem perder a função de entreter, enquanto desperta o lado crítico do receptor. Sua performance artística, ligada à cultura popular, é o que se propõe, e, mesmo que isso não seja algo exclusivo da contemporaneidade, pois já se praticava performance com textos poéticos desde a Idade Média, ainda assim, traz um caráter de inovação, no momento em que procura renovar a linguagem poética, podendo, inclusive, servir como recurso para leitura de textos

poéticos nas escolas, proposta defendida por nós ao apresentar a ideia da produção de saraus literários para alunos do ensino fundamental II, promovendo um ensino mais prazeroso e menos tradicional das aulas de literatura.

Ao pesquisar a tese de doutorado de Fabiana Bigaton Tonin (2016), intitulada *Leitura de Fruição na escola: o que alunos e os professores têm a dizer?*, apresentada à Faculdade Estadual de Campinas (UNICAMP), percebe-se que a autora propõem uma aproximação agradável do aluno com o texto, numa rotina alegre, afastando as leituras monótonas, sem obrigatoriedade ou imposição, através de atividades de leituras de fruição. Leituras canônicas não deixam de ser apresentadas e desenvolvidas através de diálogo com obras mais populares, mostrando, por exemplo, a importância histórica de cada texto em seu tempo, seu valor em relação a outras obras, aproximando os alunos da leitura literária, sem descartar o cânone e nem menosprezar o que há de atual; ao contrário, valoriza-se todo e qualquer conhecimento que o aluno traga de leitura.

Com a realização de saraus literários, propomos introduzir textos poéticos, através do prazer, da fruição estética, assim como Tonin (2016), que procura estimular a curiosidade natural do estudante para a investigação, despertando o olhar para o texto poético como algo aprazível, sem cobranças didáticas, de forma que o aluno atribua importância prática à oralidade, propondo que a escola separe um tempo especialmente para a leitura, de modo a tornar esse momento algo sério e respeitável.

A pesquisa de Tonin (2016) busca a valorização dos diversos níveis de um texto poético, as sensações, os movimentos, o ritmo, e a recepção desse texto, recuperando algo tão ancestral como o contar histórias, que, como diz Zumthor (2014, p. 80), são as performances que um texto literário, principalmente um texto poético, lido em voz alta, pode tomar. O presente trabalho por nós apresentado dialoga com a tese de Tonin (2016) especialmente no que se refere à formação e à transformação humanas pela arte; aqui, incluem-se os textos literários, que são entendidos como manifestações artísticas, além de considerar a performance como a mais eficaz forma de comunicação poética.

Dando prosseguimento, há a seleção de duas dissertações de mestrado e dois artigos acadêmicos em que se destacam a compreensão e identificação dos gêneros orais, suas formas particulares e suas escolhas de procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito, distinguindo-os do falar cotidiano, das práticas que permitem representação de textos teatrais, recitações públicas, ou de adaptações de outros gêneros, permitindo explorar, entre outros aspectos, o plano expressivo da própria entoação.

Quadro 2 – Sarau com prática pedagógica de leituras literárias

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2012	ARAUJO, Jander Antonio de Sá	A Poética do Sarau em <i>A Moreninha</i> : Liturgia e Semiose	Dissertação de mestrado	Universidade Federal Fluminense, Niterói	Sarau; Costumes Sociais; A Moreninha,
2016	SILVA, Fransuelen Geremias; RADIC, Leila Maria Ribeiro; SILVA, Mateus Gomes da; FONSECA, Paulo Marcus Oliveira	Saraus Contemporâneos: “A importância dos saraus como espaço político de socialização”	Artigo Acadêmico	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte	Cidadania, Democracia; Literatura; Saraus; Socialização
2017	ARAUJO, João Marcos Pulz	O desafio pedagógico de formar leitores: Análise do projeto “Sarau Literário”	Dissertação de Mestrado	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Literatura; Leitura Literária; Mediação Pedagógica; Afetividade
2018	MARINHO, Josefa Janiele Cordeiro	O caráter educador dos Saraus Poéticos: Literatura Marginal	Artigo acadêmico	Universidade Federal Rural de Pernambuco, Guaranhuns	Literatura Marginal; Educação; Saraus.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A dissertação de Araújo (2012) pesquisa os estudos da oralidade no universo da Idade Média, e traça um panorama do sarau, no século XIX, no Brasil, mostrando sua origem etimológica e filológica, além da poética oral performatizada, enfatizando a análise das relações entre a recepção e o discurso, a voz, corpo e a interação entre *performer* e público atual, de acordo com os estudos do medievalista Paul Zumthor.

Essa pesquisa foi de fundamental importância para nosso trabalho, pois ele mostra a influência do sarau no romance *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, abordando todo o aspecto social dos saraus, dos poetas e suas festas literárias, tanto na esfera pública, como na privada. Além disso, essa pesquisa muito nos ajudou por discorrer sobre a interseção entre a experiência do sarau e a teoria da recepção dos teóricos Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, estabelecendo, portanto, conceitos e normas para a realização dos saraus oitocentistas.

João Marcos Pulz Araujo (2017), em sua dissertação de Mestrado *O desafio pedagógico de formar leitores: análise do projeto Sarau Literário*, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC – Campinas), apoia sua pesquisa na importância do trabalho com a literatura e o texto poético por meio de atividades diferenciadas, que fogem do padrão apresentado pelos livros didáticos, e, portanto, podem influenciar positivamente na formação do aluno leitor. Sua hipótese se baseia, segundo, suas próprias palavras, no estudo de caso de uma escola estadual de uma cidade do interior do estado de São Paulo, denominado “Projeto Sarau Literário”. O referido projeto tem o objetivo de despertar o interesse pela leitura literária nos alunos e propõe diversas atividades envolvendo o universo do texto poético, que colaboram para a aproximação dos discentes a novas expressões culturais e estéticas relacionadas com a literatura.

Orientado pelos autores Freire, Soares, Vigotski, Rocco, Bakhtin, Benjamin, Zilberman, Chartier, Todorov, Magnani, Leahy-Dios e Lajolo, o estudioso procura identificar os fatores que contribuem ou dificultam a formação de alunos leitores e as vantagens da produção de saraus literários nas escolas, em uma evidência que muito se assemelha ao que nossa pesquisa considera sobre ensino de literatura, dizendo que os alunos acabam por se distanciar dos textos poéticos pela forma como se propõe o estudo da literatura, em que o texto não é motivo principal, não é o fim da leitura literária, mas, sim, é um meio para prática de exercícios gramaticais que pouco agregam ao poema. Além disso, é preciso que haja, por parte dos professores, um encorajamento dos alunos para a leitura por todos os meios, atribuindo, portanto, à leitura o sentido de prazer, de gozo, de regozijo.

Araújo (2017) através de sua pesquisa pôde observar o quanto o Projeto Sarau Literário afetou a formação de leitura dos alunos que puderam vivenciar experiências que rompem com um modelo tradicional de aula. Em sua dissertação, ele constatou que, ao montar o sarau na escola pesquisada, o texto poético recebeu um diferente tratamento: houve um método sem recitações mecânicas, restritas somente a datas comemorativas, e verificou-se um envolvimento durante todo o ano por parte dos alunos com esse projeto, em que puderam trabalhar o texto poético de forma coletiva e com novas formas de expressão, expandindo assim o uso social da linguagem.

A análise do Projeto Sarau Literário só o consternou ao perceber que, na escola pesquisada, os objetivos do trabalho não foram acolhidos por todo o colegiado e, tendo apenas duas professoras como responsáveis de um projeto tão grandioso, é bastante possível, pelo que ele averiguou que não houvesse continuidade. Enfim, Araújo (2017) acabou vivenciando o que acontece em muitas escolas públicas brasileiras: a falta de continuidade de projetos que dão certo, mas que não despertam o interesse de algumas instituições de ensino e também de alguns educadores.

Outra escrita que muito nos ajudou foi a dissertação de mestrado de Josiani Louzada da Silva (2016), apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Instituto Federal do Espírito Santo, denominada *Poesia na sala de aula e a formação do leitor*. Ela defende a ideia de que o texto poético é um campo muito promissor para a formação do leitor, considerando a poesia um gênero especialmente propício, por oscilar entre o clássico e o moderno, trazendo diferentes interpretações dependendo da época, do estilo de cada poeta, sendo textos bastante atraentes aos alunos.

Concordamos com Silva (2016) quando afirma que muitos professores ainda utilizam o texto poético como pretexto para se estudar a gramática, empobrecendo, portanto, toda a tessitura dos poemas, por exemplo. Ela, assim como nós, entende que o texto poético pode amparar em muitos aspectos a formação do aluno-leitor; assim, por ser ele carregado de significados, pode e deve ser interpretado de diferentes formas pelos leitores.

Silva (2016) defende também a ideia de que projetos de leituras, como recitais, atijam nos alunos o hábito de ler por prazer e esse hábito deve ser estimulado e mediado pelos professores, que podem auxiliar os alunos na interação com o texto, fazendo-os ir além da leitura visual e passando a uma leitura de produção de conhecimento, desenvolvendo, portanto, sensibilidade, postura crítica e reflexiva.

Silva (2016) baseia-se em Antonio Candido quando afirma a literatura como direito de todos e não um privilégio de poucos:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguma entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade (CANDIDO, 2004, p.174).

Assim como Silva (2016), apontamos que a escola, por ser um ambiente formal de ensino, ainda é o melhor lugar para refinar nos alunos a capacidade de perceber a força criativa e a intenção estética de um texto poético, e deve haver nela espaços diferentes para a reflexão, a sensibilização, a capacitação para lidar com o simbólico, além de exercer a possibilidade de interagir consigo próprio, com o outro e com o mundo em que vive. O texto poético, pela sua característica plurissignificativa, é um gênero que pode ser trabalhado com maior liberdade, conquistando, portanto, para o despertar, o interesse e o gosto pela leitura, fazendo com que o leitor considere várias possibilidades de interpretação, tornando-o mais crítico e participativo, inserido num contexto histórico, social e cultural, do qual faz parte a linguagem.

Nesse sentido, a pesquisadora apresentou uma proposta de leitura significativa de poemas através de discussão e compreensão, destacando a relação com o texto entre o leitor e sua realidade. Preparou, ainda, uma sequência didática para desenvolver atividades diversificadas e prazerosas envolvendo música, arte e teatro, objetivando favorecer a aproximação do texto literário com o educando; além disso, deixou tudo registrado em um blog para a apreciação de outros educadores.

Por sua vez, Josefa Janiele Cordeiro Marinho, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/ UAG), em seu artigo intitulado “O caráter educador dos saraus poéticos: Literatura Marginal em foco”, editado na *Revista de Estudos Literários, Cultura e Alteridade Igarapé*, teve como objetivo abordar a importância, o caráter humanizador e transformador da literatura, em especial da literatura marginal, expressão usada, pela autora, para a poesia produzida na periferia e que tem como foco principal a resistência à imposição de uma cultura literária canônica. O projeto pesquisado chama-se *Poesia na Rua* e funciona da seguinte forma: anual ou semestralmente, é aberto um período para envio de poemas; marca-se uma data para o sarau poético, e ele é divulgado por toda cidade (pontos de ônibus, postes, paredes abandonadas); no fim do dia é realizado um sarau livre, aberto para variadas expressões de arte, mas tendo os poemas como principal atração.

No sarau *Poesia na Rua*, o espaço é aberto para quem quiser recitar, a leitura dos textos tanto pode ser dos autores selecionados – esses textos também são disponibilizados em um varal poético no ambiente do sarau – quanto de autoria própria de quem está presente. Nesse aspecto, torna-se bem diferente do sarau que é produzido na escola em que nosso projeto será aplicado, pois, lá, os alunos se envolvem durante todo o ano e só no fim é que são apresentados os poemas com um roteiro pré-estabelecido. Entretanto, com relação à maneira como trabalha o texto poético dando igual atenção às formas canônicas e às marginais, encontramos semelhanças em relação ao nosso projeto. Através desse sarau poético, realizado em Garanhuns (PE), o texto canônico mistura-se ao texto marginal, de forma natural, de modo que se entende a literatura como ato político, numa referência clara a Paulo Freire (2011, p. 26) e suas ideias de contribuir como forma de resistência a certa elite que exclui e segrega o conhecimento.

O artigo de Marinho (2018) está embasado teoricamente em Antonio Candido, Alfredo Bosi, Paulo Freire, Ferréz e Boaventura de Sousa Santos. Ele leva à reflexão sobre como saraus literários em espaços que não sejam o da escola muitas vezes têm sido mais educativos e acabam por trazer maior democratização da literatura e conseqüentemente acabam por transformar as pessoas e multiplicar os saberes, resistindo à ideia de que literatura e arte sejam bens somente da elite, mas que

podem e devem chegar às classes populares e marginalizadas – nesse caso, nas periferias das grandes cidades. É principalmente neste ponto que nossa pesquisa se identifica com o artigo, porque, quando ele trata sobre o direito à literatura e como ela pode ser fonte de transformação dentro da sociedade, percebe-se a importância da disseminação do conhecimento da literatura marginal, mesclada aos cânones, através dos saraus poéticos, e como eles acabam se tornando um hábito dentro da comunidade que antes tinha até receio de fazer parte de um evento dessa natureza.

O Sarau, definitivamente, quando aberto a todos os grupos, torna-se um processo de democratização da literatura e da arte, reforçando a ideia de que a educação pode ir além dos muros da escola, livre de conteúdos que aprisionam o texto poético, tornando-o disponível para todos, o que reforça a posição de Candido (1995) quando diz o quanto a literatura tem poder como força humanizadora capaz de transformar vidas e de se mostrar como um instrumento de resistência contra o sistema excludente e segregador ao qual a comunidade periférica em geral está submetida.

Marinho (2018), em seu artigo, entende que literatura não é uma arte sagrada, mas, sim, relacionada ao cotidiano. Muitas vezes é através da literatura marginal que algumas pessoas têm seu primeiro contato com o texto poético e percebem nele discussões sociais que ensinam o indivíduo a pensar não só em si, mas a olhar para o outro, refletir sobre o mundo e abordar os temas do momento atual em que estamos vivendo, como racismo, homofobia, política, machismo, feminismo, corrupção, entre outros. Ela conclui seu artigo reforçando que, para que se formem leitores competentes e capacitados para a leitura e a escrita, seja dentro ou fora do ambiente escolar, basta que despertem o interesse para diferentes tipos de textos, usando outros suportes além do livro didático.

Fransuelen Geremias Silva, Leila Maria Ribeiro Radic, Mateus Gomes da Silva e Paulo Marcus Oliveira Fonseca (2016), em seu artigo “*Sarau contemporâneo: a importância dos saraus como espaço político de socialização*”, publicado no *Caderno CESPUC*, tratam de uma pesquisa *in loco* sobre a prática e a importância dos saraus contemporâneos, em especial o “*Sarau Luiz Estrela*”, que ocorreu em Belo Horizonte, em 2015. Este evento serve como espaço político de socialização,

em que o enfoque principal é a formação sociopolítica da comunidade à qual pertence e as manifestações culturais da mesma. Ele acontece de forma improvisada, através de música, de dança, de textos poéticos e de expressões artísticas em geral, com uma temática sempre voltada para a situação política atual, centrada numa construção crítica da sociedade.

Em seu artigo, os autores consideram o sarau literário como um gênero híbrido, pois, ao misturar textos poéticos, canções, danças e dramatizações, torna-se mais fácil reunir pessoas que tenham algum vínculo com a arte e a cultura literária para expressarem ali suas obras, ideias e pensamentos, e, sendo híbrido, ele informa, diverte, traz o lúdico, o prazer pelos textos poéticos, o que acaba por despertar uma consciência literária, bem como uma reflexão da realidade.

Em relação a isso, a presente pesquisa muito se preocupa com o texto poético como leitura de fruição, entendendo a literatura e a poesia como capazes de provocar uma reflexão mais voltada para a própria existência ou mesmo para expressão artística em si, que se manifesta através de interpretações e performances, mas também considera o engajamento político ou ético. Portanto, com os estudos sobre os saraus contemporâneos, identifica-se a ideia de que esses eventos também são capazes de provocar um sentimento de identidade mais humanitário e sensível ao universo que nos cerca.

Concluimos, a partir das pesquisas enumeradas e dos debates produzidos por elas acerca da importância de se trabalhar o texto poético na sala de aula, que há ainda algumas lacunas para as quais o nosso estudo poderá contribuir, pensando sobre o uso pedagógico do sarau literário. Não que esse seja o único fim dos saraus em contexto escolar, mas disso resulta uma literatura em que os participantes não tenham no texto poético apenas uma visão intimista, de reflexão individualista, pessoal; ao contrário, o sarau contemporâneo precisa representar um momento de ação coletiva em que os participantes se identifiquem com uma literatura que vai além dos muros da escola.

Foi visando à efetivação dessa prática didática que tende a apoiar o professor e incentivar seus alunos à leitura e à reflexão de poemas que foram pesquisados bancos de teses de outras universidades, de modo a identificarmos metodologias que valorizem o texto poético para além da visão utilitarista da escola. A pesquisa

dessas teses, dissertações e artigos acadêmicos apresentaram consideráveis perspectivas acerca dos estudos desse gênero, que, apesar de não parecer, está sempre em nosso cotidiano, seja através de poemas e canções, como também pela linguagem e temática que o texto lírico traz em si, e, por isso mesmo, deveria ser um instrumento facilitador da aprendizagem e exercício da leitura. Elencadas, então, as pesquisas feitas neste trabalho e suas contribuições científicas, faremos a exposição, no próximo capítulo, dos referenciais teóricos do nosso estudo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O SARAU E A ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Uma voz
Sua voz quando ela canta
me lembra um pássaro, mas
não um pássaro cantando:
lembra um pássaro voando

(Ferreira Gullar)

Considerando que o texto poético é capaz de sensibilizar o ser e que, na maioria das vezes, quem tem esse papel de levar o leitor ao texto é o professor, é necessário que esse tipo de gênero seja mais trabalhado no ambiente escolar. Para tanto, deve ser levado em conta que, nos dias atuais, vê-se uma necessidade de se pesquisar a literatura ligando o leitor a outras formas de manifestações culturais, ou seja, é preciso entender o texto poético sob diversos ângulos e em diferentes suportes, como cinema, música, teatro, imagens visuais, percebendo, inclusive, que a voz poética tem o poder de libertar, de emancipar o indivíduo. Por isso, é imprescindível refletir sobre a forma como a poesia é abordada na sala de aula e igualmente é preciso conhecer que caminhos o professor tem percorrido para dar valorização e atribuição de sentido ao texto poético. É importante que o docente seja um entusiasta da leitura, para que traga credibilidade ao que se está propondo, que no caso é a leitura de poemas.

Como trabalhar aquilo que não se pratica? É preciso envolvimento com a literatura. Depois surgirão as formas de como apresentá-la aos alunos, com o desenvolvimento de práticas motivadoras para a leitura do texto poético. Como afirma Cunha (1986, p. 95), “se o professor não se sensibilizar com o poema, dificilmente conseguirá emocionar seus alunos”. Porém, ainda há muita resistência em se trabalhar a leitura poética, justificada pela falta de interesse por parte dos jovens, e os educadores acabam por trabalhar esse tipo de gênero de forma tecnicista, didatizante, transformando o poema em mais uma aula de gramática, o que distancia e priva ainda mais os estudantes da inigualável experiência da leitura de um texto poético.

É fundamental a mediação dos professores ao lidar com poemas, a fim de criar e ou desenvolver habilidades e percepções sensoriais do aluno, despertando nele a sensibilidade, a criatividade, e o senso estético, trazendo todo um protagonismo que o faz ter vez e voz, que o leve construir novas concepções acerca da realidade que o circunda, bem como elaborar processos interiores expressos pela subjetividade.

A interação com a poesia é um dos meios capaz de fazer ver e entender o outro, compreender a si próprio e o mundo que o cerca, fazendo-o refletir impulsionado pela potencialidade do discurso poético, tanto social como individualmente; por isso, Candido (2004) assegura que o texto poético tem função e papel humanizador. A poesia sugere infinitas possibilidades de enxergar o mundo e humaniza porque nos faz conhecer, experimentar dessemelhantes realidades e situações. Ela age em nós como uma forma de instrução porque promove um aprendizado, como se fosse uma espécie de ensinamento difuso e indireto. Essa humanização, de acordo com Antonio Candido, se dá com:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.(CANDIDO, 2004, p. 180).

Para ajudar os professores nessa custosa tarefa de levar a poesia para a sala de aula, propomos, nesta pesquisa, uma prática didática – sarau literário – que entende o texto poético para além das fronteiras da escrita, e que texto poético pode ser escrito sim, entretanto ele vai muito além: é voz, corpo, mente, teatro, filosofia, pintura, dança, é a vida acontecendo. Mas, afinal, o que é um sarau literário?

“Sarau”, segundo Infopédia (2020) é substantivo masculino derivado etimologicamente do latim *seranus* (ou *serum*), que se refere ao “entardecer”, “pôr-do-sol”, período em que se davam os encontros que se caracterizavam como eventos literários e/ou musicais que aconteciam em residências de pessoas reunidas com o propósito de fazer a integração social e cultural de um determinado grupo, geralmente da elite, que queria exibir sua posição de classe. Conforme Pinho (2004, p. 238 apud Tennina, 2017), “A dança, a música e a literatura eram as artes protagonistas das reuniões, apesar de a atenção dos presentes concentrarem-se

também na comida que era servida, na vestimenta dos convidados e nos modos de recepção”.

No entanto, a palavra sarau não é recente. Na Idade Média, consoante Barros (2013) em seu artigo *O Rei e a sátira contra a nobreza: considerações sobre a poesia satírica de Afonso X, um rei trovador do século XIII*, os saraus já se mostravam como momentos em que os trovadores apresentavam suas cantigas, com o intuito de retratar a vida aristocrática e política nas cortes galego-portuguesas, através da poesia popular e erudita ligada à música, à dança e o teatro:

As duas instâncias – cultura e política – em diversos momentos da Idade Média se mostraram ligadas através da mediação da poesia trovadoresca, uma vez que reis e grandes senhores feudais frequentemente se apropriaram politicamente dos movimentos trovadorescos, em uma extensão que abarcava territórios tão diversificados como a Inglaterra, Espanha, França, Itália e Alemanha. Ter sob sua regência uma corte culturalmente efervescente, inclusive com um rico movimento de trovadores perpassando-a através de saraus e encontros, era para muitos senhores da nobreza medieval um índice de prestígio e poder, e isto ocorreu ainda com maior intensidade entre os monarcas do período (BARROS, 2013).

A chegada dos saraus no Brasil aconteceu com a vinda família real, em 1808, com D. João. Tennina (2013), em suas pesquisas sobre sarau, confirma que esse tipo de evento, muito comum no século XIX, era movido a erudição e requinte, em especial entre um seleto grupo de aristocratas e burgueses. O contexto cultural e histórico que caracteriza esse período são as revoluções Francesa, Industrial e Americana, que impulsionaram a editoração e divulgação do livro em diferentes nações. Ainda no século XIX, o fenômeno se repete no Brasil, onde temos a atuação da imprensa, a circulação de livros, criando-se um hábito de leitura nas elites, principalmente entre as mulheres.

A leitura individual e intimista em voz alta, tão usada na Renascença, retorna agora em ambientes familiares e externos, para uma plateia menor ou mais ampla. Nesses momentos eram feitas, em geral, pelas filhas da família, apresentações de alguma música erudita ou mesmo uma modinha ao piano, além das declamações poéticas e das danças no salão da casa, não raro eram servidos jantares, regados a champanhe e vinhos. A princípio, os saraus eram mais vistos no Rio de Janeiro, mas logo fazendeiros de São Paulo começaram a aderir à moda que seguiam os moldes

dos salões franceses e já na metade do século XIX estavam espalhados por todas as capitais, confirmando uma mudança de ares na cena cultural brasileira, conforme afirma Sorá (2010, p. 66 apud Tennina, 2017):

Os saraus constituíam um microcosmo social que evidenciava uma sociedade em formação, caracterizada pelo reposicionamento dos indivíduos que vivenciavam a passagem de um passado agrícola e patriarcal para um mundo urbano de ofícios diferenciados, sustentado por novas alianças e disputas de poder.

Wanderley Pinho (1970), em seu livro *Salões e Damas do Segundo Reinado*, descreve a efervescência que se tornaram os saraus e bailes do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Os saraus foram, por muito tempo, considerados os eventos mais sofisticados da sociedade, e, como as famílias organizadoras faziam parte de uma elite política e econômica do Brasil, não havia preocupação em poupar dinheiro; desse modo, tinham como promovê-los com grande cuidado estético dos participantes e ouvintes, que trajavam belas roupas e imitavam penteados franceses. Na maioria das vezes tinham a participação de poetas ilustres, o que não impedia a presença de vários artistas anônimos em busca de um mecenas para quem sabe conseguir proteção social e financeira.

Apesar do alto índice de analfabetos, no século XVIII, os saraus foram eventos muito significativos na época do Romantismo e, mesmo tendo a literatura, a música e as danças de salões com protagonistas desses, também se tornaram populares no meio letrado da época por consistirem em espaços de discussões políticas e sociais, com as ideias abolicionistas e libertárias dos artistas, por exemplo.

Como sabemos, a arte em muitos casos serve para reproduzir usos e costumes de uma época, e os saraus, conforme Tennina (2013), são eventos artísticos que mostram práticas sociais e recreativas; sendo assim, não faltam apontamentos de canções, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX que fazem referência a essas reuniões entre amigos, artistas e políticos. Nas crônicas de Machado de Assis, por exemplo, há uma passagem em que ele cita um grande sarau na casa do senador Nabuco ou no clube Beethoven, que “reunia entre seus sócios o que de melhor na sociedade fluminense havia” (apud PINHO, 2004, p. 238).

Na literatura brasileira, os romances fizeram dos saraus atividades que oportunizaram a educação estética e cultural, com caráter didático, seja nos ensinamentos de regras sociais, seja no ensino da conduta literária. Na dissertação de Araújo (2013), intitulada *A Poética do Sarau em A Moreninha: Liturgia e Semiose*, ele cita um momento em que a personagem principal do romance de Joaquim Manuel de Macedo acaba por trazer o caráter performático das apresentações, reconstituindo, portanto, as características de um sarau medieval:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dândi que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos (MACEDO, 1998 apud ARAUJO, 2013, p. 25).

Enquanto o sarau foi representado por uma festa palaciana, em que os trovadores durante a Idade Média tiveram um espaço de projeção de suas cantigas, nos séculos XVIII e XIX eram festividades sociais em que a elite interagiu, através da arte, com o mundo contemporâneo. Com o tempo, porém, certos saraus foram tomando outras formas e características e alguns acabaram ganhando mais prestígio que outros, visando a uma maior qualidade artística, e passaram a ser organizados por pessoas interessadas mais em cultura e em promover movimentos artísticos. No princípio do século XX, um dos mais importantes espaços em que se realizavam saraus em São Paulo era o salão da Villa Kirial, na Vila Madalena, organizado por José de Freitas Vale, advogado, poeta, político e mecenas intelectual brasileiro. Nesse espaço reuniam-se boêmios, artistas e poetas, inclusive os poetas modernistas Mario de Andrade e Manuel Bandeira. O Salão da Vila Kyrial, foi, provavelmente, o berço da Semana de Arte Moderna de 1922.

Se, em tempos passados, os saraus faziam parte do cotidiano das famílias que participavam dos eventos sociais realizados em suas residências, atualmente os saraus estão restritos a locais específicos e são realizados em espaços públicos, alcançando hoje periferias, bares, teatros, praças públicas e escolas. São notáveis as mudanças que ocorreram na elaboração dos saraus, a partir da década de 1990, pois se tornaram mais democráticos: hoje toda e qualquer pessoa que queira pode participar de um sarau, seja pela leitura de poemas, pela música ou performance artística, além de serem organizados com mais informalidade e contando com os apelos audiovisuais, tão caros à nossa contemporaneidade.

Com a produção do sarau literário, objetivo deste trabalho, entendemos a linguagem verbal como atividade discursiva social e cognitiva em que escrita e fala não são tratadas como sistemas linguísticos diversos, mas como práticas sociais da linguagem de usos distintos, conforme afirmam os PCN– Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (Brasil, 1997 e 1998), documento oficial que dedica atenção especial à linguagem oral, dentro do ensino de Língua Portuguesa, tendo como objetivos principais:

[...] utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (PCN, 1997, p. 5).

Ainda que este documento tenha falhas e equívocos, não trazendo, por exemplo, um capítulo específico para a oralidade, uma de suas qualidades é proporcionar ao aluno possibilidades do exercício da cidadania, desenvolvendo e valorizando sua competência discursiva não somente na escrita, como também na fala, o que no caso do ensino de língua no Brasil é algo extremamente inovador e louvável. Embora aos poucos os PCN venham a ser substituídos pela Base Nacional Comum Curricular, BNCC, como nos informa Marcuschi (2010, p. 16) em “Da fala para a escrita – atividades de retextualização” começam a ocorrer nas salas de uma aula pequenas mudanças na forma como se tratam as semelhanças e diferenças entre fala e escrita e tem-se procurado entender a oralidade a partir das práticas sociais, tornando a fala como um objeto “ensinável”, não inferior à escrita:

[...] Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Mesmo sabendo que, ao ingressar no ambiente escolar, os alunos já se comuniquem de forma eficiente por meio da linguagem oral, trazida de seu ambiente familiar, do seu dia a dia, é no contexto privado de discurso que a escola precisa priorizar textos de características de uso público da língua, tanto no que diz respeito à reflexão crítica, como à fruição estética do uso artístico da linguagem, conforme se pode perceber no trecho dos PCN em que se orienta que:

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, **apresentações teatrais** etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCN, p. 25; grifo meu).

É importante que não se perca de vista a grandiosidade do texto literário, tendo em mente que este não pode ser assimilado como objeto isolado, sem o entendimento das condições de sua produção e recepção, e sem o aporte das diversas disciplinas que são indispensáveis ao ato da leitura literária, pela própria natureza plural que um texto literário carrega. A função do texto poético é arrebatá-lo o leitor, construindo e reconstruindo tudo aquilo que o humaniza – humanização esta que só acontece ao ler, refletir e compreender, possibilitando ao leitor a interação consigo mesmo e com o outro, como afirma Cosson:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro (COSSON, 2007, p. 27).

A oralidade como atividade verbal está presente nos mais variados contextos sociais experimentados por uma pessoa no decorrer de sua vida, e no passar dos tempos verificamos que essa importante produção humana tem recebido diferentes formas de valorização. Desse modo, por mais força que a escrita tenha hoje no cotidiano

dos indivíduos, não há como negar que a humanidade se formou a princípio com um discurso oral e bem mais tarde é que ela vai se tornando letrada. As poéticas orais, assim como as várias manifestações artísticas que pautam seu repertório na oralidade: cinema, música, universo pop, rádio, teatro, incluindo-se a literatura em geral, de modo especial a poesia, que tem ocupado pouco lugar nos currículos escolares, são manifestações culturais que podem levar o indivíduo a emancipar-se através da voz poética.

Impossível não destacar que a produção literária como um todo é impulsionada pela produção oral, exemplos disso são: a poesia lírica, na Antiguidade Clássica, que tem esse nome por ter sido cantada acompanhada ao som da lira; a oratória, fundamental em assembleias públicas realizadas oralmente, desde a Grécia Antiga; e mais tarde as parábolas cristãs, para transmitirem ensinamentos religiosos, assim como as fábulas, que passavam ensinamentos morais. Por mais exemplos que sejam citados defendendo a importância da oralidade, ainda assim há uma tendência a conferir superioridade à língua escrita sobre a língua falada, mesmo com seu sistema tardio nos processos de interação verbal da humanidade.

Um dos motivos causadores dessa primazia, segundo Marcuschi (2010, p. 16), é a questão de a escrita ser adquirida em situações formais na escola, o que a torna um bem cultural desejável; isso sem se falar na função que desempenha em sociedade, tornando-a indispensável para enfrentar o dia a dia. Em vista disso, o ensino da oralidade permite o estudo de diferentes situações sociocomunicativas em que os indivíduos atuam, propiciando a observação da língua em seu pleno funcionamento. Nesse sentido, o ensino da oralidade na sala de aula torna-se interessante, pois permite ao professor propor um estudo mais atrativo, eficiente e criativo, voltado às práticas sociais interativas com o fim de uma comunicação que pode se apresentar sob os diferentes gêneros textuais estruturados nas realidades sonoras e que também desempenhem papel tão importante quanto o da escrita.

Cotidianamente, deparamo-nos com a oralidade; entretanto, há pouca preocupação da escola com esse tema, apesar de tantas manifestações artísticas e culturais se valerem da linguagem oral. Portanto, a oralidade na escola pode ser encarada, por exemplo, como uma possibilidade de aquisição de usos de uma linguagem para

contextos dos mais formais aos informais e não apenas reduzida à fala cotidiana, informal, representada pelos bate-papos e pelas conversas do dia a dia. Assim, importa-nos não apenas a espontaneidade da fala, mas o estudo dos mais diversos gêneros textuais orais.

De acordo com um dos maiores estudiosos sobre o desenvolvimento da oralidade, Schneuwly (2002), em entrevista à revista *Nova Escola*, “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”, visto que defende a ideia de que os gêneros da fala têm aplicação efetiva em vários aspectos da vida social e do exercício da cidadania, do trabalho, das relações interpessoais e o da política, por exemplo. Para isso se exige, portanto, uma construção mais consciente da enunciação, oportunizando ao aluno um conjunto de competências que o faça se sentir capaz de utilizar a língua de acordo com os diferentes usos sociais.

Tendo em vista o que foi dito acerca da oralidade, é preciso reiterar que ensinar a linguagem oral deve ser uma preocupação permanente do ambiente escolar, não apenas o que tange à fala em geral, mas é de real importância ajudar o aluno a dominar os gêneros não tão naturais da oralidade, fazendo-o refletir sobre seu uso nas diferentes situações. Ao perceber o poder da palavra falada e assim dar-lhe o real valor de meio de interação verbal, desvencilhamo-nos da obrigação de associá-la à palavra escrita, uma vez que, geralmente,

[...] o oral é principalmente trabalhado como percurso de passagem para a aprendizagem da escrita; os professores analisam o oral a partir da escrita; o oral está bastante presente em sala de aula, mas nas variantes e “normas” escolares, a serviço da estrutura formal escrita da língua; a leitura em voz alta, isto é, a escrita oralizada, representa a atividade oral mais frequente na prática (PIETRO, WIRTHNER apud DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 167).

Sendo assim, a escola precisa criar espaço onde seja possível trabalhar a oralidade dos alunos, tornando a sala de aula um lugar de reflexão e diálogo sobre a palavra e sobre o mundo. O trabalho intencional com a oralidade deve ser desenvolvido durante todo o percurso escolar, pois é preciso ajudar a planejar situações comunicativas tendo em vista o ouvinte, a finalidade, o conteúdo, a forma de exposição, a entonação e o ritmo que deve ser impresso nesse tipo de situação

comunicativa, levando em conta aspectos interpessoais, relações culturais, além de mostrar que o discurso oral serve para veicular opinião e crítica sobre determinado assunto, pois, como afirma Marcuschi (2010, p. 22), não faz sentido que o professor de Língua Portuguesa se centre apenas no domínio da escrita. Desse modo, trabalhar oralmente o texto poético – objeto que mantém relação estreita com o universo da oralidade – se mostra uma oportunidade única, inclusive, para integrar definitivamente os estudos de Língua Portuguesa aos de Literatura.

3.2. O QUE FAZ DE UM TEXTO UM POEMA?

Gastei uma hora pensando um verso
 que a pena não quer escrever.
 No entanto ele está cá dentro
 inquieto, vivo.
 Ele está cá dentro
 e não quer sair.
 Mas a poesia deste momento
 inunda minha vida inteira.

(Carlos Drummond de Andrade)

O que faz de um texto uma poema? Para que serve a poesia? Qualquer escritor pode ser um poeta? Essas têm sido perguntas que há muito acompanham os homens, desde a Antiguidade. O poeta chileno Pablo Neruda (1981), em uma entrevista, responde o que seria da poesia nos anos 2000:

Em todas as épocas a poesia foi dada como morta, ela, porém se tem mostrado centrífuga e sempiterna, se tem mostrado vitalícia, ressuscita com grande intensidade, parece ser eterna. [...] A poesia acompanhou os agonizantes e estancou as dores, conduziu às vitórias, acompanhou os solitários, foi queimante como o fogo, leve e fresca como a neve, teve mãos, dedos e punhos, teve brotos como a primavera, teve olhos como a cidade de Granada, foi mais veloz do que os projéteis dirigidos, foi mais forte pelas fortalezas: deitou raízes no coração do homem (NERUDA, 1981).

Definitivamente a poesia traz desde a sua gênese o enigmático, o misterioso, o instigante e talvez sua maior característica seja não conseguirmos decifrá-la simplesmente. Há inúmeras conceituações que afirmam a poesia como uma composição poética, geralmente em verso, que faz parte do gênero literário “lírico”. Como forma de arte, ela veio antes mesmo da escrita. Muitos poemas da Antiguidade nos apontam terem sido estabelecidos em forma poética para ajudar a

memorização e a comunicação oral nas sociedades antigas. Temos, portanto, a poesia como primeiro registro na maioria das culturas letradas.

Segundo o livro *Literatura e Linguagem* de Nely Novaes Coelho (1974, p. 49), “poesia é o fenômeno criador que transforma em linguagem as emoções, os impulsos ou reações do poeta em face de determinada realidade, já o poema é a expressão verbal artística (rítmica ou melódica) de um estado de espírito”. Já o *Dicionário Silveira Bueno* (2000) entende poesia e poema como toda composição poética que provoca inspiração, desperta o belo e está presente no gênero lírico – sendo a poesia uma forma de expressar emoções, em seu estilo próprio, enquanto o poema é uma composição que pode ou não ser poética, dependendo de sua estrutura, podendo ser escrito em versos, mas raramente em prosa. Além dos versos, não obrigatórios, fazem parte da estrutura do poema as estrofes, a rima e a métrica, combinando as palavras de uma forma especial.

Não obstante, certa tradição literária afirma que a principal diferença entre prosa e poesia não se deve tanto ao conteúdo ou à forma geral, mas, sobretudo, ao metro (do grego *metron* – “medida”), ou seja, o ritmo sobre o qual se constrói um verso. E assim, até o século XIX, quando surge a prosa poética, e um pouco mais tarde no século XX, com o surgimento do verso livre, o metro era o principal critério para se definir um poema. Porém, é importante observar que isso, como analisa Antonio Cicero (2017, p. 95), refere-se apenas à diferença entre verso – e não poesia – e prosa. Ou seja, escrever em versos não é necessariamente escrever poemas. Poesia não pode ser entendida como antônimo de prosa; na realidade, na língua portuguesa, não há antônimo para poesia, o certo seria usar expressões como “não poesia” ou “não poema”, sobre o que o autor ainda afirma:

De fato, qualquer coisa pode ser escrita em versos: qualquer um pode aprender a escrever versos; mas não chamamos de “poema” qualquer texto escrito em versos, nem de “poeta” qualquer um que tenha aprendido a escrever versos... (CICERO, 2012, p. 39).

Na realidade, a Grécia antiga tem a utilização do metro como ponto comum de diferentes gêneros, pois nos primeiros séculos toda a literatura grega era versificada: fossem textos filosóficos, científicos, políticos, todos eram escritos em versos. Foi Aristóteles o primeiro a questionar e advertir sobre a tradição de chamar texto em

metro em poesia, e acaba por afirmar que o âmago do texto poético está no seu caráter mimético, ou seja, na imitação ou representação da ação humana: portanto, para Aristóteles só o metro não basta para caracterizar a poesia. Conforme afirma Pinheiro (2015, p. 57), para o autor da *Poética*, duas são as causas da arte poética como um todo, ambas naturais: mimetizar faz parte da natureza humana desde sempre e isso a diferencia de outras criaturas, porque exploram a *mímesis* para produzir suas primeiras formas de aprendizagem; e, como segunda causa, Aristóteles diz que todo ser humano se satisfaz, ou seja, obtém prazer, com as *mímesis* realizadas.

“O imitar é congênito ao homem”: eis aqui o ponto central da estética aristotélica. Para ele, a *mímesis*, intrínseca à natureza humana, não gera apenas deleite ao ser humano, ela é um modo de aprendizado. A poesia, enquanto expressão mimética, mantém essa função e reveste-se assim de uma importância moral; ela revela, de preferência, o universal e não só o particular. O filósofo considerou, inclusive, que a poesia é mais filosófica e mais nobre do que a história, porque esta se ocupa mais do particular.

Por mais que as definições de Aristóteles sejam superadas nos dias de hoje, quando a arte já não tem sempre um dever mimético e se considera independente da moralidade, há aspectos que permanecem inalterados: e a discussão sobre a imitação do real para expressar os sentimentos ainda permeia boa parte da produção artística. E ainda hoje, segundo Lajolo e Zilbermam (1998), a poesia lírica deixa de ser centrada somente no eu e na subjetividade e começa a tratar de problemas e desequilíbrios sociais, assumindo, portanto, uma atitude reflexiva sobre o cotidiano e a realidade social que nos cerca, abarcando a diversidade cultural nacional.

Ainda dentro das questões acerca da filosofia e da poesia, verificamos que muitos estudiosos veem a primeira como o lado racional ou objetivo da vida, já a segunda, a poesia, apenas como intuição. Devemos entender, no entanto, que ambas tratam do real, mas a poesia, diferente da filosofia – que tenta responder objetivamente à realidade –, teria sua finalidade em si mesma, ou seja, tende a efetivar por meio de construções próprias um tipo de fraseologia como expressão do belo, da verdade,

da fantasia, do ritmo e da vida. Ademais, para Pignatari (2006, p. 9), “a poesia parece estar mais do lado da música e das artes plásticas e visuais do que da literatura”. Ele declara que a poesia é de fato um corpo estranho nas artes das palavras, pois o poeta está sempre criando e recriando a linguagem; na verdade, ele está sempre criando o mundo através de sua linguagem que parece falar de tudo e de nada ao mesmo tempo, e acaba por afirmar que:

[...] um bom poema não se esgota: ele cria modelos de sensibilidade. É por isso que um poema, sendo um ser concreto de linguagem, parece o mais abstrato dos seres. É por isso, que um poema é criação pura – por mais impura que seja. É como uma pessoa, ou como a vida: porque melhor que você a explique, a explicação nunca pode ser substituída. [...] (PIGNATARI, 2005, p. 12).

“A atividade poética, enquanto linguagem pressupõe a diferença”, afirma Bosi (1997, p. 23), e é essa “diferença” que muitas vezes faz o aluno voltar os olhos para os textos poéticos através da vocalização que se realiza nas declamações de poemas e nas encenações de peças próximas à sua realidade, no entoar de canções ou mesmo na simples e eficaz leitura em voz alta. A condição de vocalizador assumida pelo leitor de textos poéticos deixa clara sua efetiva participação na construção de sentidos e na percepção sonora dos versos, em que se dispõem as palavras entre o som e o sentido. Sendo assim, ainda se reitera que a poesia, por seu próprio fundamento, acaba por instigar ao gesto vocal que, por sua vez, representa, através da materialidade da voz, a presença e a participação efetiva do leitor.

Esse aspecto de reflexão, empatia e alteridade que a poesia promove no leitor, como já ensinava a fórmula “*docere et delectare*” de Horácio, também é compartilhado pela já mencionada concepção de Antonio Candido acerca do poder humanizador da literatura. É por isso que fazer a simples análise gramatical de um poema é insuficiente, pois, como afirma Pignatari,

Um poema cria a sua gramática. E o seu próprio dicionário. Um poema transmite a qualidade de um sentimento. Mesmo quando parece estar veiculando ideias, ele está transmitindo a qualidade do sentimento dessas ideias. Uma ideia é para ser sentida e não apenas entendida, explicada, descascada (PIGNATARI, 2005, p. 18).

A poesia, portanto, foi reconhecida como essencial na formação do ser humano nas suas diversas fases de desenvolvimento, até os dias atuais, deixando marcada por

intermédio de suas diferentes formas o que interessa e o que não interessa naquilo que o acaso e o inconsciente ofereçam como afirma Cicero em *Poesia e Filosofia*:

[...] o poeta sabe que a poesia é compatível com uma infinidade de formas e temas. Ele tem o direito de usar qualquer das formas tradicionais do verso, o direito de modificá-las e o direito de inventar novas formas para os seus poemas (CICERO, 2012, p. 15).

A educação que inclui a leitura do texto literário proporciona, portanto, uma sensibilidade ao indivíduo que perpassa o simples deleite e lhe possibilita um desenvolvimento crítico do que está ao seu entorno, fazendo pensar o mundo, pois vocalizar um poema, por exemplo, mostra a importância material da poesia, sendo realizada com a mediação de um leitor. Não podemos esquecer, portanto, que a poesia tem em sua gênese o uso da voz, do jogo: a *poiesis* tem uma função lúdica, que está além da seriedade, ela se manifesta em várias civilizações, em diferentes épocas como forma de divertimento, adivinhações, profecias, enigmas, através do ritmo, da entonação e andamento, ou seja, através da performance, tópico de que iremos tratar logo adiante.

3.3 POESIA, MÚSICA, DANÇA – A PERFORMANCE

rápido e rasteiro
vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro
tiro o sapato
e danço o resto da vida.

(Chacal)

A arte, desde os primórdios, compreende múltiplas habilidades humanas, como apresentações de dança, canto, teatro, mágica, jogos, englobando harmonia, imaginação e fantasia, promovendo prazer e beleza. Segundo conceitos do historiador e linguista holandês Johan Huizinga, em seu livro *Homo Ludens* (2004, p. 157), a poesia tem sua gênese inseparável aos princípios da canção e da dança, os quais fazem parte da imemoriável função do jogo. Além disso, o estudioso afirma que “a *poiesis* tem função lúdica, pois ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem à criança, o selvagem e o

visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso” (HUIZINGA, 2004, p.133).

Huizinga (2004) assevera ainda que a poesia manifesta-se em várias civilizações com caráter que vai muito além da estética, mas que vai em busca do prazer:

A primeira coisa que é preciso fazer para ter acesso a essa compreensão é rejeitar a ideia de que a poesia possui apenas uma função estética ou só pode ser explicada através da estética. Em qualquer civilização viva e florescente, sobretudo nas culturas arcaicas, a poesia desempenha uma função vital que é social e litúrgica ao mesmo tempo. Toda a poesia da antiguidade é simultaneamente ritual, divertimento, arte, invenção de enigmas, doutrina, persuasão, feitiçaria, adivinhação, profecia e competição (HUIZINGA, 2004, p. 87).

Assim, a linguagem poética, através da estrutura rítmica, das possibilidades sonoras e imagéticas e, sobretudo, através das figuras de linguagem, em especial a metáfora, nada mais seria que jogo com as palavras, manifestando sua natureza lúdica. Contudo, para Zumthor (2010), medievalista que mais se dedicou à tradição da oralidade poética dos povos de diferentes épocas e culturas, é poesia o que o público entende como tal, tendo em vista ainda que o texto literário tem amplo discurso:

[...] é poesia, é literatura, o que o público – leitores ou ouvintes – recebe como tal, percebendo uma intenção não exclusivamente pragmática: o poema, com efeito (ou, de uma forma geral, o texto literário), é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo e um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social (ZUMTHOR, 2010, p. 39).

Zumthor afirma que, nesse processo entre sujeito e objeto, tendo a voz como fio que liga o poema ao público, criam-se reverberações filosóficas, éticas e estéticas, imprimindo certa alteridade, um diálogo entre quem diz e o que é dito. Nesse sentido, o autor traz ainda o conceito de performance, que ele entende como

[...] ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. [...] Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição (ZUMTHOR, 2010, p.31).

Através das cantigas, poética dos trovadores na Idade Média, o verso e a música representavam união indissociável – herança do conceito grego de *mousiké*, que “englobava melodia e verso como uma unidade integrada, juntamente com a dança

[...]. De uma forma ideal, a letra se mistura com a melodia numa relação dinâmica de significados verbais, modelos sonoros, efeitos linguísticos e ritmo” (PERRONE, 1988, p. 12).

Inquestionável, portanto, a concretização pública e oralizada do poema em performances que foram trazidas à cena por meio de diferentes formas de apresentações – individual, em duplas ou em grupos – que agregavam palavra, corpo, leitor e ouvinte, confirmando, portanto, a materialidade fônica dos textos e a importância de se preencher de som a voz poética dos versos. Nesse sentido, Zumthor (2018) reforça a potência de uma poética oral aplicada à performance como ação completa pela qual o texto poético pode ser conduzido. Ele entende que o ambiente, as circunstâncias que incluem o corpo em ação, como a dança, o teatro, as declamações ligadas às artes cênicas e visuais pelas quais um poema é apresentado, envolvem recepção e interação com o espectador maior do que quando o poema é apenas lido, afirmando ainda que

[...] a leitura do texto poético é escuta de uma voz, o leitor, nessa e por essa escuta, refaz em seu corpo e em seu espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página (ZUMTHOR, 2018, p. 38).

A partir de seus estudos de poemas da Idade Média, o autor destaca os registros da oralidade, que buscam em todos os sentidos mostrar as possibilidades que um corpo tem de encenar o discurso através dos gestos, da mímica, das improvisações, da dança ou da simples presença de quem vai declamar, dando lugar de destaque ao texto poético oralizado e mostrando que, em todas as culturas de todos os tempos, como já foi dito, sempre houve a performance poética – de modo que muitas vezes é o corpo que encena o poema.

Conforme esse autor, na Idade Média uma obra não seria pensada sem a voz, sem a performance, através da qual se faz um contato efetivo entre o intérprete e os espectadores: “O intérprete, na performance, exibindo seu corpo e seu cenário, não está apelando somente à visualidade. Ele se oferece a um contato. Eu o ouço, vejo-o, virtualmente eu o toco” (ZUMTHOR, 1997, p. 204). Assim, os versos medievais cantados pelos poetas eram transmitidos pela repetição oral e, apesar de conterem

o mesmo tema, a cada performance dos poetas esses textos orais eram renovados, tornando o momento performático único, irrepetível e singular. Zumthor (2000) mostra que o episódio performático ocorre tanto nos casos de oralidade quanto na leitura vocalizada de um texto escrito, e até mesmo na leitura silenciosa, pois há algo em comum entre essas práticas – o engajamento do corpo:

É então intencionalmente que, a partir de alguns anos, eu falo de poesia vocal em termos tais que poderíamos aplicá-los à escrita literária ou inversamente. Estou particularmente convencido de que a ideia de performance deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra recepção, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo [...]. O termo e a ideia de performance tendem (em todo caso, no uso anglo-saxão) a cobrir toda uma espécie de teatralidade: aí está o sinal. Toda “literatura” não é fundamentalmente teatro? (ZUMTHOR, 2000, p. 22).

A leitura, segundo Zumthor, seja ela silenciosa ou vocalizada, não acontece fora do corpo, mas é estabelecida nele. Levar em conta a carnalidade do ato de ler no ensino da literatura é importante, pois ela oportuniza um contato mais bem sucedido do texto com o leitor, estabelecendo, portanto, um prazer estético na experiência de leitura, ou seja, vai além de uma relação mecânica, automatizada. É preciso perceber como a linguagem literária estabelece, bem antes da escrita, uma relação estreita com o corpo, visto que um poema antigo, por exemplo, apresentava-se não só no campo das palavras, mas na vocalização – através do canto que era entoado, dos gestos, da entonação, da dramaticidade, ou seja, pelo corpo do poeta/intérprete e de seu ouvinte-leitor, através de diferentes sentidos.

A performance poética, no caso do sarau, por exemplo, pode designar um tipo de obra artística híbrida, em que se têm a palavra escrita, a oralidade, as expressões corporais através dos sons e das danças, abrindo um diálogo criativo de diferentes suportes com o texto poético, afinal, ela explora variadas formas de se transmitir o poema, fundando o encontro entre texto e performance. É o instante da recepção da comunicação poética que requer a presença corporal tanto de um intérprete quanto de um ouvinte envolvidos em um contexto situacional no qual os elementos sensoriais, a música, as artes plásticas e as coreografias fazem parte da interpretação de um tema.

O texto literário tem que atingir de modo muito pessoal o espectador, é o momento que gera o prazer, compartilhando um conhecimento e não somente transmitindo um fato social, mas tentando transformar aquele a quem se dirige, principalmente tocar no que lhe é essencial. É nesse trecho, principalmente, que se tem um ponto de contato da leitura prazerosa de que Zumthor tanto fala em sua obra com a ideia da leitura de fruição, ou seja, ler para o outro, numa atitude de partilhar: é o que traz o diálogo entre quem lê e quem recebe esse texto, ou seja, é um momento de recepção, seja ele em forma de canções, trechos de filmes, coreografia ou qualquer outra arte de comunicação que lhe traga também outra visão do mundo, não limitando o texto poético à voz, mas incluindo o gesto, a postura, o timbre, os aplausos, o silêncio, o auditório e as reverberações de todos esses aspectos.

Portanto, fica claro que a poesia, a música e a dança passam pelos processos de criação da performance travando um diálogo com outro de tal maneira que traz o prazer de um espetáculo, as risadas do público, as emoções ao se ouvir poemas e canções, bem como articulando ética e estética para quem lê e ouve poesia; e é dessa forma que poesia, música, dança e teatro encontram um ponto comum que permite ir além da análise do significado das palavras.

Depois de discutirmos os referenciais teóricos que abordam nossa pesquisa, abordaremos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos que estruturaram nossa prática.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1 A ESCOLA EMEB GALDINO THEODORO DA SILVA

Há escolas que são gaiolas
E há escolas que são asas.

(Rubem Alves)

Neste capítulo, demonstraremos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento de nossa pesquisa. Descreveremos, no primeiro tópico 4.1, a escola em que realizamos nossa pesquisa, os sujeitos envolvidos e a comunidade na qual ela está inserida.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Galdino Theodoro da Silva iniciou seu funcionamento, abrangendo todas as séries do Ensino Fundamental I e II, de 1976 a 2017, quando, atendendo a solicitações da comunidade por mais turmas do ensino fundamental II, passou a operar do 4º ano ao 9º ano. A escola recebe esse nome em homenagem ao advogado Galdino Theodoro da Silva, cidadão popular e querido pela comunidade, que assim decidiu pelo batismo da escola.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) dessa Unidade de Ensino, datado de 2014, ela é localizada na Rua Vincenzo Tedesco, S/N, bairro Jardim Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim-ES, sua comunidade escolar é composta por alunos, e pais, moradores do bairro. Ela é composta de dois blocos de dois andares cada, conforme figura 01 a seguir:

Figura 1 - EMEB “Galdino Theodoro da Silva”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

E possui: 24 salas de aulas; 1 sala de pedagogo; 1 sala de professores; 4 banheiros para funcionários; 4 banheiros para alunos; 1 biblioteca (em funcionamento); 1 refeitório; 1 sala de diretor; 2 sala de secretária; 1 sala de informática; 1 dispensa; 1 depósito de merenda; 1 sala de material pedagógico; arquivo/ depósito de material de limpeza; 1 laboratório de Ciências / Matemática. 1 cozinha; 1 pátio coberto; 1 pátio encoberto; 2 quadras de esporte, veja figura 02 abaixo:

Figura 2 - Quadra Poliesportiva



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Contamos com recursos materiais básicos, como computadores, impressoras, mobiliário, bebedouros, eletrodomésticos, televisões, data show, amplificador e microfone. Já como recursos humanos, a escola registra no PPP: 48 professores; 4 coordenadores; 4 pedagogos; 5 auxiliares administrativos; 6 auxiliares de serviços gerais; 5 merendeiras; 1 secretário; 1 diretor.

A unidade de ensino possui Conselho de Escola constituído de rigoroso regimento. Chama atenção inclusive uma sessão dedicada exclusivamente sobre o problema do *bullying*, mostrando-se uma instituição preocupada com questões da atualidade. A escola é bem estruturada, garantindo bons espaços de acesso à informação e ao conhecimento. Como exemplo, tem uma biblioteca com espaço, onde é possível aplicar intervenções que a tornem mais dinâmica para atender aos alunos e professores.

A instituição de ensino localiza-se na zona urbana, sendo de fácil acesso, e possui linha regular de ônibus. A comunidade não é caracterizada como carente, apesar de

ter elementos que fragilizam o trabalho pedagógico, como percebemos em outras tantas escolas públicas do país; desses destaca-se, por exemplo: a falta de funcionamento dos laboratórios de informática por não haver estagiários para conduzir trabalhos junto ao docente; além disso, por se tratar de uma instituição com mais de 930 alunos, deveria haver mais pedagogos e coordenadores para ajudar no trabalho disciplinar.

No entanto, percebe-se que as famílias, desde a última gestão, com a ajuda da gestora, do corpo de professores, dos pedagogos e dos coordenadores têm-se mostrado mais participativa, o que diminuiu o nível de violência, o uso de drogas e o *bullying* entre os alunos e trouxe mais autoestima e perspectivas aos discentes. Boa parte das famílias é de classe média, porém percebem-se algumas famílias carentes. No geral, os pais trabalham com serviços domésticos, no polo industrial de mármore e granito, no serviço público ou mesmo no comércio da região, ocasionando algum desnível socioeconômico entre esse público. A maioria dos pais possui apenas o Ensino Fundamental incompleto, no entanto percebemos alguns com Nível Médio e uns poucos possuem faculdade.

Os alunos são constantemente incentivados pela equipe docente a participarem de projetos promovidos pela escola e pela própria prefeitura. Por exemplo, têm representatividade em Olimpíadas (de Língua Portuguesa e de Matemática) e todos os anos há diversos alunos aprovados no Ifes, inclusive a escola é um polo do Pré-Ifes, patrocinado gratuitamente aos alunos pela prefeitura. A instituição tem diferentes projetos: feira de ciência e tecnologia, interclasse, palestras contra o uso de drogas e prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, além do sarau literário. Nota-se no Projeto Político Pedagógico, portanto, uma preocupação recorrente com a formação completa do cidadão.

4.2 A METODOLOGIA

A Educação qualquer que seja ela é sempre
uma teoria do conhecimento posta em prática.
(Paulo Freire)

Este trabalho é parte de uma inquietação própria, ou seja, vendo a urgência de o aluno ler textos poéticos que não sejam analisados sob o crivo das interpretações

dos livros didáticos, perseguimos a ideia de que é preciso sempre criar novas estratégias que chamem a atenção dos discentes para esse tipo de gênero. Assim, o método de abordagem utilizado para a realização da pesquisa aqui proposta se aproxima da pesquisa-ação, pois tem por base os pressupostos teóricos e a efetiva ação em sala de aula, com a intenção de modificar uma situação, como afirma Joaquim Antônio Severino (2012), em seu livro *Metodologia do Trabalho Científico*:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2012, p. 120).

Na pesquisa-ação, conforme afirma Antônio Carlos Gil (2016), obriga o pesquisador a inserir-se no meio social para a intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos e a perceber o jogo de interesses e de desejos desse meio. Essa modalidade não se ajusta aos modelos clássicos de pesquisa científica, pois nem sempre apresenta conhecimentos precisos e objetivos, mas, ao optarmos por esse tipo de pesquisa, entendemos que é preciso haver interação entre sujeito e objeto pesquisado, visando à transformação de uma determinada prática, no caso aqui, leitura de textos poéticos em sala de aula – ou seja, entendemos que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas. Na definição de Thiollent (1985), citado por Gil (2016):

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou ainda, com a resolução de um problema coletivo, onde todos pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p.14 apud GIL, 2016, p. 42).

Usamos também, nesse trabalho, a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que, conforme Gil,

tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícitos ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado (GIL, 2016, p. 27).

Ademais, admitimos que, no desenvolvimento da pesquisa, usamos outras formas e técnicas que se somaram à metodologia utilizada, afinal, como afirma Lakatos:

Nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes,

há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente (LAKATOS, 2003, p.164).

Em nossa vivência em sala de aula, percebemos que os alunos, quando chegam ao 9º ano, estão com um aporte de leitura raso e nivelado apenas em narrativas e contos; e, com o desdobramento de variadas disciplinas com professores diferentes, esses atos de leitura, mesmo que escassos, se perdem. Por isso, com essa pesquisa buscamos analisar onde se rompeu essa prática de leitura e por que não se estendeu a outros gêneros literários, em especial a textos poéticos, visto que temos uma produção nacional tão vasta e com tantos autores renomados, que merecem ser lidos e relidos.

Para concretizar esta pesquisa, que tem como uma de suas finalidades ajudar professores a estimular os alunos a lerem textos poéticos, sugerimos a produção de um sarau literário que por si só é um atrativo à leitura, apesar de não ser muito difundido nas escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim. Este trabalho, portanto, busca aplicar uma visão mais abrangente dos textos poéticos, com o intuito de tentar ajudar os alunos a vivenciarem o texto em sua dimensão corporal, em que o gesto, a voz, o silêncio e a recepção façam parte da performance – porque, segundo Zumthor (2010), numa obra vários aspectos precisam ser levados em conta:

As regras da performance – com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público – importam para comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance. Habitados como somos, nos estudos literários, a só tratar do escrito, somos levados a retirar, da forma global da obra performatizada, o texto e nos concentrar sobre ele. (ZUMTHOR, 2010, p. 30).

A performance vai concretizar o momento de comunhão entre o intérprete, no caso o aluno, a mensagem e o público que a recebe. O texto poético através da performance modifica o conhecimento, pois não é simplesmente um meio de comunicar-se, mas é a busca da sintonia perfeita entre poemas, corpo e gestos; é isso que faz com que o texto poético se torne mais atrativo.

Portanto, para esta pesquisa realizamos com os alunos dos nonos anos matutinos da EMEB “Galdino Theodoro da Silva” a produção de um sarau que envolve a oralidade dos poemas e da música, a vocalidade, os versos, as rimas, os gestos e

suas interpretações. Preparamos um roteiro que tem como tema a história da Língua Portuguesa e pesquisamos poemas e canções que fizessem parte do assunto tratado.

Atribuímos o título *de Minha língua, Minha pátria*, numa alusão a um escrito do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, em que ele diz: “A minha Pátria é a Língua Portuguesa” – expressão que, posteriormente, inspirou o compositor Caetano Veloso a escrever a canção *Língua*, que inclusive será usada na apresentação do sarau.

Esta pesquisa tem por objetivo, então, mostrar que a poesia, desde sua gênese, é uma arte que surgiu da oralidade, ela foi feita para ser falada, recitada, declamada, cantada; e assim sugerimos uma nova forma de divulgar aos alunos o texto poético, ampliando as fronteiras do objeto da literatura. Todo o trabalho, antes, durante e depois serão apontados através de vídeos, fotos, impressões de convites e assim ficarão registrados os momentos da montagem, da pesquisa e das performances usadas nas apresentações.

4.3 MÉTODOS DE ABORDAGEM

A Educação qualquer que seja ela é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.

(Paulo Freire)

Este trabalho é parte de uma inquietação própria, ou seja, vendo a urgência de o aluno ler textos poéticos que não sejam analisados sob o crivo das interpretações dos livros didáticos, perseguimos a ideia de que é preciso sempre criar novas estratégias que chamem a atenção dos discentes para esse tipo de gênero. Assim, o método de abordagem utilizado para a realização da pesquisa aqui proposta se aproxima da pesquisa-ação, pois tem por base os pressupostos teóricos e a efetiva ação em sala de aula, com a intenção de modificar uma situação, como afirma Joaquim Antônio Severino (2012), em seu livro *Metodologia do Trabalho Científico*:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao

mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2012, p. 120).

Na pesquisa-ação, conforme afirma Antônio Carlos Gil (2016), obriga o pesquisador a inserir-se no meio social para a intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos e a perceber o jogo de interesses e de desejos desse meio. Essa modalidade não se ajusta aos modelos clássicos de pesquisa científica, pois nem sempre apresenta conhecimentos precisos e objetivos, mas, ao optarmos por esse tipo de pesquisa, entendemos que é preciso haver interação entre sujeito e objeto pesquisado, visando à transformação de uma determinada prática, no caso aqui, leitura de textos poéticos em sala de aula – ou seja, entendemos que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas. Na definição de Thiollent (1985), citado por Gil (2016):

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou ainda, com a resolução de um problema coletivo, onde todos pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14 apud GIL, 2016, p. 42).

Usamos também, nesse trabalho, a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que, conforme Gil,

tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícitos ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. (GIL, 2016, p. 27).

Ademais, admitimos que, no desenvolvimento da pesquisa, usamos outras formas e técnicas que se somaram à metodologia utilizada, afinal, como afirma Lakatos:

Nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente (LAKATOS, 2003, p.164).

Em nossa vivência em sala de aula, percebemos que os alunos, quando chegam ao 9º ano, estão com um aporte de leitura raso e nivelado apenas em narrativas e contos; e, com o desdobramento de variadas disciplinas com professores diferentes,

esses atos de leitura, mesmo que escassos, se perdem. Por isso, com essa pesquisa buscamos analisar onde se rompeu essa prática de leitura e por que não se estendeu a outros gêneros literários, em especial a textos poéticos, visto que temos uma produção nacional tão vasta e com tantos autores renomados, que merecem ser lidos e relidos.

Para concretizar esta pesquisa, que tem como uma de suas finalidades ajudar professores a estimular os alunos a lerem textos poéticos, sugerimos a produção de um sarau literário que por si só é um atrativo à leitura, apesar de não ser muito difundido nas escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim. Este trabalho, portanto, busca aplicar uma visão mais abrangente dos textos poéticos, com o intuito de tentar ajudar os alunos a vivenciarem o texto em sua dimensão corporal, em que o gesto, a voz, o silêncio e a recepção façam parte da performance – porque, segundo Zumthor (2010), numa obra vários aspectos precisam ser levados em conta:

As regras da performance – com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público – importam para comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance. Habitados como somos, nos estudos literários, a só tratar do escrito, somos levados a retirar, da forma global da obra performatizada, o texto e nos concentrar sobre ele. (ZUMTHOR, 2010, p. 30).

A performance vai concretizar o momento de comunhão entre o intérprete, no caso o aluno, a mensagem e o público que a recebe. O texto poético através da performance modifica o conhecimento, pois não é simplesmente um meio de comunicar-se, mas é a busca da sintonia perfeita entre poemas, corpo e gestos; é isso que faz com que o texto poético se torne mais atrativo.

Portanto, para esta pesquisa realizamos com os alunos dos nonos anos matutinos da EMEB “Galdino Theodoro da Silva” a produção de um sarau que envolve a oralidade dos poemas e da música, a vocalidade, os versos, as rimas, os gestos e suas interpretações. Preparamos um roteiro que tem como tema a história da Língua Portuguesa e pesquisamos poemas e canções que fizessem parte do assunto tratado.

Atribuimos o título *de Minha língua, Minha pátria*, numa alusão a um escrito do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, em que ele diz: “A minha Pátria é a Língua Portuguesa” – expressão que, posteriormente, inspirou o compositor Caetano Veloso a escrever a canção *Língua*, que inclusive será usada na apresentação do sarau.

Esta pesquisa tem por objetivo, então, mostrar que a poesia, desde sua gênese, é uma arte que surgiu da oralidade, ela foi feita para ser falada, recitada, declamada, cantada; e assim sugerimos uma nova forma de divulgar aos alunos o texto poético, ampliando as fronteiras do objeto da literatura. Todo o trabalho, antes, durante e depois serão apontados através de vídeos, fotos, impressões de convites e assim ficarão registrados os momentos da montagem, da pesquisa e das performances usadas nas apresentações.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Por ser nossa pesquisa fundamentada na pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, na qual há uma comunicação direta do professor/pesquisador e os alunos, sujeitos participantes da pesquisa, a análise dos dados e as intervenções foram sendo realizadas em todo o percurso da produção de um sarau literário.

Inserir textos poéticos por meio de sarau literário tem sido o propósito do nosso sarau. No percurso da produção desse evento pudemos observar que a adesão dos alunos a esse projeto tem sido integral, todos os alunos participaram de alguma forma, mesmo não havendo atribuição de nota. A forma como foi organizada o evento, com bastante antecedência, sendo já conversado nos primeiros dias de aula, explicando do que se trata, qual seria o tema, como seriam os preparativos, a forma de divulgação e ensaios, os possíveis ajustes, até o dia de ele ser apresentado, fez com que os alunos se mostrassem motivados em todo o tempo.

A produção do sarau foi muito interessante, pois pudemos ver o que poderia dar certo, o que deveria ser mudado, retirado ou acrescentado: tudo foi analisado de forma detalhada, minuciosa – utilizando uma linguagem mais popular, “é um fazer, fazendo”. Os alunos exerceram um papel muito importante, pois houve uma troca de conhecimentos em que o ponto de vista deles também importava, foi o momento em que eles se entenderam como fazedores de conhecimento também, pois eles propuseram músicas, poemas, coreografias. Nosso esforço maior foi fazê-los acreditar em seu potencial, mostrando que há espaço para todos: uns tocam, outros cantam, outros dançam ou declamam, enfim, foram valorizadas as diferentes competências e habilidades individuais, que seriam usadas para a coletividade da apresentação do sarau.

Nas aulas que antecederam a apresentação no Teatro, percebemos os alunos cada dia mais interessados: em um primeiro momento, eles se sentiram atraídos por saírem da sala de aula, e isso já foi motivo de quererem participar do sarau; portanto, percebemos que sempre no início os alunos se veem interessados por aulas fora do ambiente tradicional da escola; logo em seguida vimos que a atração

também se deu porque a maioria deles assistiu a saraus em anos anteriores e ficaram ávidos à espera de que chegasse a vez de eles próprios participarem agora como elenco no sarau, não mais como plateia

Mais adiante, percebemos que o envolvimento vai aumentando, cada um quis dar o seu melhor, principalmente porque foi muito repetido que o sarau tem as apresentações individuais, mas tem em sua essência o coletivo, ou seja, é de todos: o fracasso ou o sucesso seria dividido entre todos que participaram do evento naquele ano. Os registros do que ocorreu foram feitos a todo tempo, com anotações, mudanças no roteiro, fotografias e vídeos de ensaios que iam sendo colocados no grupo de Whatsapp, e assim os alunos iam se integrando cada vez mais ao projeto.

Outro fator de sucesso do sarau ocorreu, muito provavelmente, por ele fazer parte do calendário escolar e ter a duração de um ano letivo, as aulas anteriores às apresentações serviram para que os alunos fossem se familiarizando com textos literários, identificando-se com o tema, mas também serviram para abrir outros eventos na escola ou fora da escola mesmo. Por exemplo, os alunos foram convidados para se apresentarem na casa de Roberto Carlos, apresentando alguns poemas e canções que tratassem do tema amor; isso foi ajudando o aluno a perder a vergonha de apresentar-se em público. Houve apresentações de coreografias e canções na hora do recreio antes da apresentação oficial no teatro, o que trouxe um engajamento de toda a escola com esse evento.

A maneira como esse sarau foi recebido pela escola também contou muito a favor para o sucesso das apresentações, pois a direção, o apoio pedagógico e os demais professores também se sentiram corresponsáveis pelo sucesso do evento, entendendo o ambiente do sarau como um espaço de conhecimento. Além disso, percebemos que a comunidade escolar também recebeu muito bem o evento sarau literário, principalmente, por ver seus membros sendo participantes das apresentações, não eram pessoas que eles não conheciam, ou não eram atores conhecidos da mídia, mas eram meninos e meninas que fazem parte do cotidiano deles. O texto literário interpretado por esses alunos acaba por trazer à comunidade novas formas da literatura, que vai além do que é escrito, mas implica uma celebração do texto poético, e a poesia deixa de ter função meramente

contemplativa e elitista, fazendo com que o ambiente do Sarau seja próprio a uma educação reflexiva, crítica e transformadora. Por fim, a análise dos dados é feita de forma indutiva, e o processo de produção do evento acaba tornando-se mais importante do que o resultado.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

(Caetano Veloso)

Como parte da nossa pesquisa, realizamos um sarau literário para efetivar a investigação empírica desse tipo de evento, na Escola Municipal Galdino Theodoro da Silva, com a apresentação de diferentes tipos de textos poéticos com os alunos dos nonos anos, do Ensino Fundamental II. Esse evento foi realizado no Teatro Municipal Rubem Braga, no período da noite, para os familiares dos alunos, bem como para toda a comunidade escolar.

O tema tratado foi a Língua Portuguesa e teve como título *Minha Língua, Minha Pátria*. O roteiro foi escrito por nós e encontra-se completo como apêndice a este texto. A sequência de atividades que ocorreram antes, durante e após o sarau também se encontram ao fim deste trabalho.

O Sarau *Minha língua, Minha Pátria* foi dividido em três eixos temáticos:

- Expansão da Língua Portuguesa até os dias de hoje;
- O Amor cantado e declamado na Língua de Camões;
- O Poder da palavra como forma de protesto.

A proposta foi executada da seguinte forma: Apresentamos a ideia da produção do sarau literário à direção da escola, ao grupo de professores e ao Conselho Escolar. Nesse momento criamos uma Comissão Organizadora² para definir os objetivos, a data e horário do evento, as tarefas necessárias à sua realização e os responsáveis

²A Comissão Organizadora cria estratégias que mobilizam os alunos na divulgação, incentivando o trabalho em equipe, valorizando a cooperação entre os participantes, além de estimular o retorno de ex-alunos para integrarem a equipe de apoio e organização do evento. Neste ano de 2018, a comissão foi formada pela Professora de português Renata Pereira Vieira, pela professora de história Luciene Carla Francelino, pela coordenadora Alcione Aparecida Furlon, pelo pedagogo Flávio Duarte, todos membros do quadro efetivo da escola, além deles ficou também responsável o pibidiano Ojuobá Pedro Francelino Amador.

por cada uma delas. Fizemos o levantamento dos equipamentos necessários para a realização das atividades.

A Comissão Organizadora criou estratégias que mobilizassem os alunos na divulgação do evento, incentivando o trabalho em equipe, valorizando a cooperação entre os alunos, além de escolher quem iria fazer os registros de cada parte do evento. Ficou decidido também que iríamos fazer uma camisa com o título do evento. O sarau foi ainda mais significativo na escola porque fez parte do planejamento anual da escola envolvida e por termos conseguido integrar as atividades rotineiras dos alunos aos ensaios, bem como em atividades extraclasse, sempre sob supervisão de algum professor da escola.

6.1 PRIMEIRO MOMENTO – MAS, AFINAL, O QUE É UM SARAU?

O sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo.
Em um sarau todo mundo tem que fazer.

(Joaquim Manuel de Macedo)

Após a autorização da produção desse evento pela direção da escola, criamos uma Comissão Organizadora para definir os objetivos, a data e horário do evento, as atividades necessárias à sua realização e os responsáveis por cada uma delas. Fizemos o levantamento dos equipamentos necessários para a realização das atividades.

O primeiro momento, com os alunos, foi no primeiro dia letivo de 2018, numa conversa informal com todos os nonos anos no auditório da escola. Após as autoapresentações, propusemos a produção de um sarau literário e musical e os alunos receberam com muito entusiasmo essa notícia. Passamos o tema, as possíveis tarefas que seriam executadas, bem como seus objetivos e finalidades.

Esse primeiro momento, que teve a duração de quatro aulas, serviu para que, inicialmente, os alunos se sensibilizassem com a temática do sarau e comesçassem assim a se envolver mais com o projeto, entendendo-o como protagonista e coautores do evento. Foi informado que eles ajudariam no processo de formação do conteúdo do sarau, que eles poderiam sugerir músicas, poemas, canções e coreografias, de acordo com o tema que fora proposto.

6.1.1 Aulas 1 e 2: Mas afinal, o que é um sarau?

Poeta, ouvidor, desenhista,
músico, malabarista...
Comediante o que for
Todo mundo procura um lugar,
pra poder compartilhar...
Da dor e da alegria
Sarau em Arcoverde só de sexta
venho aqui reivindicar
eu quero isso todo dia

(Fernando Anitelli)

A partir do tema escolhido, propusemos aos alunos dos nonos anos a apresentação de um sarau. Nessas aulas em que conceituamos sarau, ou seja, apresentamos a eles a etimologia dessa palavra, mostramos que esse tipo de evento é uma prática social em que se reúnem os amigos, declamam-se poemas, entoam-se canções, além de interpretá-las através da dança e do teatro. Após essa conceituação etimológica, exibimos algumas imagens de saraus de diferentes épocas

Expusemos também a importância dos saraus na Idade Média, e nos séculos XVIII e XIX, no Brasil, bem como as semelhanças e as diferenças desses com os saraus dos dias atuais. Nesta etapa, que teve a duração de duas aulas, também fizemos a anotação dos nomes dos alunos e como eles gostariam de participar do evento. Eles sugeriram a criação de um perfil no Instagram.

6.1.2 Aulas 3 e 4: Minha Língua, Minha

Gosto de sentir a minha língua
roçar a língua de Luís de Camões...

(Caetano Veloso)

Explicamos que o tema do sarau, nesse ano, seria a História da Língua Portuguesa e que por isso iríamos usar somente poemas e canções em português. Definimos que o evento iria ocorrer no Teatro Municipal e que haveria mais de uma apresentação, pois a primeira, na verdade, seria um ensaio aberto, na parte da manhã, em que seriam levados alguns alunos para verem a apresentação.

Esclarecemos que nesses ensaios abertos haveria problemas técnicos, esquecimento de fala, mas que eles seriam importantes para a passagem do som, da luz, das técnicas audiovisuais que seriam usadas, da marcação de cada um no palco; ou seja, por mais que eles tivessem ensaiado durante o ano, o ensaio no local onde aconteceriam as apresentações oficiais, que ocorreram durante a noite, faria toda a diferença. A partir desse ponto, eles já começaram a imaginar o que cada um poderia fazer no sarau.

Terminamos a aula pedindo aos alunos que fizessem um grupo no *Whatsapp* para compartilharem as informações. Distribuímos e cantamos a música “Aos meus heróis”, composição de Julio Cesar Marassi, que cita vários cantores brasileiros, e que seria a música de introdução das apresentações, cantada com todos os alunos envolvidos.

Aos meus heróis

Faz muito tempo que eu não escrevo nada,
Acho que foi porque a TV ficou ligada
Me esqueci que devo achar uma saída
E usar palavras pra mudar a sua vida.

Quero fazer uma canção mais delicada,
Sem criticar, sem agredir, sem dar pancada,
Mas não consigo concordar com esse sistema
E quero abrir sua cabeça pro meu tema

Que fique claro, a juventude não tem culpa.
É o eletrônico fundindo a sua cuca.
Eu também gosto de dançar o pancadão,
Mas é saudável te dar outra opção.

Os meus heróis estão calados nessa hora,
Pois já fizeram e escreveram a sua história.
Devagarinho vou achando meu espaço,
Mas não me esqueço das riquezas do passado.

Eu quero "a benção" de Vinícius de Moraes,
O Belchior cantando "como nossos pais",

E "se eu quiser falar com..." Gil sobre o Flamengo,
"O que será" que o nosso Chico tá escrevendo.

Aquelas "rosas" já "não falam" de Cartola
E do Cazusa "te pegando na escola".
To com saudades de Jobim com seu piano,
Do Fábio Jr. Com seus "20 e poucos anos".

Se o Renato teve seu "tempo perdido",
O Rei Roberto "outra vez" o mais querido.
A "agonia" do Oswaldo Montenegro
Ao ver que a porta já não tem mais nem segredos.

Ter tido a "sorte" de escutar o Taiguara
E "Madalena" de Ivan Lins, beleza rara.
Ver a "morena tropicana" do Alceu,
Marisa Monte me dizendo "beija eu"
Beija eu, Beija eu Deixa que eu seja eu
Beija eu, beija eu deixa qe eu seja eu

O Zé Rodrix em sua "casa no campo"
Levou Geraldo pra cantar no "dia branco".
No "chão de giz" do Zé Ramalho eu escrevi
Eu vi Lulu, Benjor, Tim Maia e Rita Lee.

Pedir ao Beto um novo "sol de primavera",
Ver o Toquinho retocando a "aquarela",
Ouvir o Milton "lá no clube da esquina"
Cantando ao lado da rainha Elis Regina.

Quero "sem lenço e documento" o Caetano
O Djavan mostrando a cor do "oceano".
Vou "caminhando e cantando" com o Vandrê
E a outra vida, Gonzaguinha, "o que é?"

Na rádio ou na pista mude a sequência,
Mexa com as pessoas e com a consciência.

(MARASSI, Julinho. Aos meus heróis. In: MARASSI, Julinho. Julinho Marassi & Gutemberg Ao Vivo.
Rio de Janeiro: Independente, 2001)

6.2 SEGUNDO MOMENTO – O TEMA E A DIVISÃO DE TAREFAS

A minha Pátria é a Língua Portuguesa.

(Fernando Pessoa)

Esta etapa teve o objetivo de apresentar com maior profundidade o tema do sarau *Minha Língua, Minha Pátria*. Foi um momento bastante livre para que cada um escolhesse o que preferisse fazer: uns preferiram pesquisar e editar os trechos de filmes, ou fazer os clipes para as danças; outros já escolheram uma aparição mais evidente, como tocar um instrumento, cantar, dançar e ler/declamar poemas, interpretá-los; outros ainda ficaram na divulgação, na recepção dos convidados etc. Ou seja, todos tiveram a oportunidade de trabalhar de alguma forma no sarau, o que pode trazer uma unidade às turmas, pois o trabalho coletivo muito enriquece o aprendizado de enxergar o outro e enxergar-se a si próprio.

Ainda nesta etapa, continuamos a estimular os alunos para que tocassem instrumentos musicais ou cantassem, apresentando seus talentos e acompanhando as leituras e declamações dos colegas.

As atividades que seguem nas próximas páginas foram sempre em aulas geminadas e feitas em sala de aula, no pátio ou no auditório da escola. Essas aulas serviram para aproximar os alunos do tema do sarau.

6.2.1 Aulas 5 e 6: As Grandes Navegações

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena...

(Fernando Pessoa)

As aulas desse dia contaram com a presença da professora Luciene Carla Francelino, mestra em História pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Ela explicou aos alunos a importância das Grandes Navegações para o povo português e para a expansão da língua portuguesa em diferentes continentes. E usou um vídeo com esse tema no data-show. Todo material usado nesse dia está disponível no fim dessas atividades.

Logo após a explicação da professora, distribuímos aos alunos uma cópia de dois poemas de poetas portugueses: “Mar Português”, de Fernando Pessoa, e “Aviso à

Navegação”, de Joaquim Namorado. Ambos têm como tema o mar, a glória e a desgraça do povo português, retratando o espírito aventureiro e destemido do povo lusitano diante do mar. Seguem os poemas utilizados:

X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(PESSOA, Fernando. Mensagem. Organização de Fernando Cabral Martins. São Paulo: Cia das Letras, 1998.)

Aviso à Navegação

Alto lá!
Aviso à navegação!
Eu não morri:
Estou aqui
na ilha sem nome,
sem latitude nem longitude,
perdida nos mapas,
perdida no mar Tenebroso!

Sim, eu,
o perigo para a navegação!
o dos saques e das abordagens,
o capitão da fragata
cem vezes torpedeada,
cem vezes afundada,
mas sempre ressuscitada!

Eu que aportei
com os porões inundados,

as torres desmoronadas,
os mastros e os lemes quebrados
- mas aportei!

Aviso à navegação:
Não espereis de mim a paz!

Que quanto mais me afundo
maior é a minha ânsia de salvar-me!
Que quanto mais um golpe me decepa
maior é a minha força de lutar!

Não espereis de mim a paz!

Que na guerra
só conheço dois destinos:
ou vencer – ai dos vencidos! –
ou morrer sob os escombros
da luta que alevantei!

- (Foi jeito que me ficou
não me sei desinteressar
do jogo que me jogar.)

Não espereis de mim a paz,
aviso à navegação!

Não espereis de mim a paz
que vos não sei perdoar!

(NAMORADO, Joaquim. Aviso à Navegação. Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003.)

Finalizamos essas aulas, que tinham como objetivo familiarizar os alunos com o tema Expansão da Língua Portuguesa, apresentando aos alunos a música “Vira Virou” de Kleiton Ramil, que retrata também de forma poética o coração e o pensamento do povo português: “Viajar é preciso, viver não é preciso”, eis o lema dos navegantes portugueses que o autor da canção retoma agora, numa inversão, ou seja, ele estava descobrindo as maravilhas de Portugal, aqui representado pela cidade de Lisboa. Abaixo, segue a letra da canção “Vira, virou”, do compositor Kleiton Ramil.

VIRA, VIROU

Vou voltar na primavera
 E era tudo o que eu queria
 Levo terra nova daqui
 Quero ver o passaredo
 Pelos portos de lisboa
 Voa, voa, que eu chego já
 Ai, se alguém segura o leme
 Dessa nave incandescente
 Que incendeia a minha vida
 Que era viajante lenta
 Tão faminta d'alegria
 Hoje é porto de partida
 Ah, vira, virou
 Meu coração navegador
 Ah gira, girou
 Essa galera
 Vou voltar na primavera
 E era tudo o que eu queria
 Levo terra nova daqui
 Quero ver o passaredo
 Pelos portos de lisboa
 Voa, voa, que eu chego já
 Ai, se alguém segura o leme
 Dessa nave incandescente
 Que incendeia a minha vida
 Que era viajante lenta
 Tão faminta d'alegria
 Hoje é porto de partida.

(RAMIL, Kleiton. Vira Virou. In, Kleiton e Kleidir. Rio de Janeiro. Gravadora Ariola, 1980.)

Como tarefa de casa, pedimos que os alunos pesquisassem a canção “Língua”, de Caetano Veloso, lessem em casa, imprimissem e colassem no caderno para o próximo encontro.

6.2.2 Aulas 7 e 8: O que quer, o que pode essa língua?

... e deixem que pensem,
que digam, que falem...

(Caetano Veloso)

A aula teve início com a distribuição de uma cópia com o poema “Língua Portuguesa”, do livro *Poesia* de Olavo Bilac. Foi proposto que um aluno lesse o poema e, após a leitura silenciosa, foi feita uma análise e interpretação de cada verso desse poema.

Língua Portuguesa

Última flor do lácio, inculta e bela
És, a um tempo, esplendor e sepultura
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o trom e o silvo da procéla
E o arrollo da saudade e da ternura

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo
Amo-te, ó rude e doloroso idioma

Em que da voz materna ouvi: "meu filho
E em que camões chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho.

(BILAC, Olavo. *Poesias*. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964)

Logo após, assistimos ao vídeo em que Caetano Veloso canta/declama a canção “Língua”³. Findado o vídeo, abrimos uma roda para a análise dessa canção. Com a letra em mãos, conforme foi pedido na última aula, fizemos uma análise mais detalhada, lendo verso por verso e discutindo o que eles haviam entendido. Pedimos para que os alunos explicassem o que entenderam da letra e se havia alguma possibilidade de fazerem referências ao poema “Língua Portuguesa”, e eles chegaram à conclusão de que, apesar de terem sido escritos em épocas e contextos

³Esse vídeo pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsqoCBfucYo>. Acesso em: 6 de junho de 2014.

diferentes, tanto a canção quanto o poema falam dos dilemas de uma nação que busca uma identidade nacional.

Nesse dia, fizemos o levantamento de quantos alunos gostariam de declamar esses textos literários no dia do sarau, divididos os versos, entre os alunos interessados, e pedimos para que eles fossem decorando.

6.2.3 Aulas 9 e 10: Roda de leitura de poemas

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!

(Florabela Espanca)

Iniciamos a aula levando os alunos para um espaço da escola que se chama Arena, lá eles se dispõem como se estivessem numa arquibancada. Propusemos uma roda de leitura dos seguintes poemas: “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Luiz Vaz de Camões e “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes.

Após a leitura, individual e coletiva, explicamos que cada linha métrica de um poema chama-se verso, cada conjunto de verso constitui uma estrofe, que esses poemas lidos têm rima, e a rima é a repetição final dos sons de cada verso; além disso, comentamos que os poemas, como as canções, têm seu ritmo próprio. Analisamos, oralmente, cada verso dos poemas e pedimos para que os alunos que se sentissem mais à vontade fossem para o centro da Arena e dissessem de que parte dos poemas mais gostaram e o porquê.

Essas aulas mostraram-se muito proveitosas, visto que ao invés de ficarmos na sala de aula pudemos fazer as leituras de uma maneira mais informal e num espaço diferente do que eles já estão acostumados. Ao final da aula ficou decidido quem leria os poemas no dia do sarau. Seguem os poemas usados nessa aula:

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
 é servir a quem vence, o vencedor;
 é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
 nos corações humanos amizade,
 se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís Vaz de. Soneto V. Sonetos, de Luís de Camões. Biblioteca virtual do estudante brasileiro. Disponível em: <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.

MORAES, Vinicius. Antologia poética, volume I. Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

6.2.4 Aulas 11 e 12: Trovadorismo

Enfrentei fosso muralha e os ferros dos portais
 Só pela graça da gentil senhora...

(Eleomar Figueira Melo)

Levamos os alunos para o auditório e explicamos, brevemente, que o primeiro momento em que tivemos registro de poemas em nossa língua teve o nome Trovadorismo e ocorreu no período da Idade Média, quando poucos tinham o domínio e o acesso à leitura, por isso era tão valorizada a vocalização dos poemas; além disso, explicamos que poesia e música nesse período eram pensadas em conjunto e aproveitamos para expor a forma como as apresentações eram feitas: em Palácios e pátios de Igreja e eram feitas de forma performática, o que envolvia o corpo, a voz e os gestos. Focamos nas características das cantigas líricas,

mostrando o quanto elas ainda influenciam os compositores atuais em suas letras, que tratam, principalmente, da paixão.

Propusemos aos alunos ouvir a música de Eleomar Figueira Melo, “O rapto de Joana Tarugo”, para que pudessem perceber a temática amorosa, bem como as características que aproximam essa canção do ambiente medieval, representado pelo cavaleiro cheio de virtudes, como honra, dignidade, justiça e sempre disposto a se sacrificar por sua inatingível amada, aproximando-se, portanto, do sofrimento amoroso tão caro às cantigas medievais e tão repetidas nas canções contemporâneas.

O RAPTO DE JOANA TARUGO

Enfrentei fosso muralha e os ferros dos portais
Só pela graça da gentil senhora
Filtrando a vida pelos grãos de ampulhetas mortais
D'além de trás dos montes venho
Por campos de justas honrando este amor
Me expondo à sanha sanguinária de côrtes cruéis
Enfrentei vilões no Algouço e em Senhores de Biscaia
Fidalgos corpos de armas brunhidas
Não temo escorpiões cruéis carrascos vosso pai
Enfreado à porta de castelo
Tenho meu murzelo ligeiro e alazão
Que em lidas sangrentas bateu mil mouros infiéis
Ó Senhora dos Sarsais
Minh'alma só teme o Rei dos reis
Deixa a alcova vem-me à janela
Ó Senhora dos Sarsais
Só por vosso amor e nada mais
Desça da torre Naíla donzela
Venho d'um reino distante, errante e menestrel
Inda esta noite eu tenho esta donzela
Minha espada empenho a uma deã mais pura das vestais
Aviai pois a viagem é longa
Já vim preparado para vos levar
Já tarda e quase que o minguante está a morrer nos céus
Ó Senhora dos Sarsais

Minh'alma só teme o Rei dos Reis
Deixa a alcova vem-me à janela
Ó Senhora dos Sarsais
Só por vosso amor e nada mais
Desça da torre Joana tão bela
Naíla donzela, Joana tão bela

MELO, Eleomar Figueiro. O Rapto da Joana do Tarugo. Na Quadrada das Águas Perdidas. Salvador: Seminário Livre de Música da Universidade Federal da Bahia, 1978.

Terminamos a aula ouvindo e cantando algumas músicas que, assim como as cantigas medievais, tematizam o sentimento amoroso. Aproveitando para decidir as que seriam cantadas no sarau, foram escolhidos alguns clássicos e outras canções mais modernas.

Essas aulas feitas no auditório deixam os alunos muito empolgados. Interessante apontar, aqui, que alunos ditos como indisciplinados adaptaram-se muito bem e mudaram positivamente seu comportamento.

6.2.5 Aulas 13 e 14: Ilustrando cantigas contemporâneas

E quando o nosso tempo passar
Quando eu não estiver mais aqui
Lembra-te, minha nega
Desta cantiga
Que fiz pra ti.

(Chico Buarque)

Essa aula teve início com os vídeos “Tua Cantiga”, de Chico Buarque, e “Você é linda”, de Caetano Veloso. O objetivo de trabalhar com essas canções foi mostrar que o sentimento amoroso é algo atemporal e anespacial, além de lembrar aos alunos que música e literatura são poética e historicamente ligadas, como já havia sido dito nas aulas anteriores. Abaixo, seguem as letras das canções, e a forma de acessá-las.

TUA CANTIGA

Quando te der saudade de mim
Quando tua garganta apertar
Basta dar um suspiro
Que eu vou ligeiro
Te consolar
Se o teu vigia se alvoroçar
E estrada afora te conduzir

Basta soprar meu nome
Com teu perfume
Pra me atrair
Se as tuas noites não têm mais fim
Se um desalmado te faz chorar
Deixa cair um lenço
Que eu te alcanço

Em qualquer lugar
Quando teu coração suplicar
Ou quando teu capricho exigir
Largo mulher e filhos
E de joelhos
Vou te seguir
Na nossa casa
Serás rainha
Serás cruel, talvez
Vais fazer manha

Me aperrear
E eu, sempre mais feliz
Silentemente
Vou te deitar
Na cama que arrumei
Pisando em plumas
Toda manhã
Eu te despertarei.
BUARQUE, Chico. Tua cantiga. Caravanas.
Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017.

VOCÊ É LINDA

Fonte de mel
Nos olhos de gueixa
Kabuki, máscara
Choque entre o azul
E o cacho de acácias
Luz das acácias
Você é mãe do sol
A sua coisa é toda tão certa
Beleza esperta
Você me deixa a rua deserta
Quando atravessa
E não olha pra trás
Linda
E sabe viver
Você me faz feliz
Esta canção é só pra dizer
E diz
Você é linda
Mais que demais

Você é linda sim
Onda do mar do amor
Que bateu em mim
Você é forte
Dentes e músculos
Peitos e lábios
Você é forte
Letras e músicas
Todas as músicas
Que ainda hei de ouvir
No Abaeté
Areias e estrelas
Não são mais belas
Do que você
Mulher das estrelas
Mina de estrelas
Diga o que você quer.
VELOSO, Caetano. Você é linda. Caetanear.
Rio de Janeiro. Universal, 1983.

A intenção de mostrar aos alunos essas duas canções foi também de apresentar características das cantigas de amor do Trovadorismo em canções atuais, reforçando, portanto, a ideia de universalidade do tema.

Além dessas, ouvimos e cantamos outras composições clássicas e modernas que tratam desse elemento universal. Pedimos aos alunos que expressassem através de desenhos o que eles sentiram ao ouvir as canções, veja figura 8. Esses desenhos foram expostos na escola como forma de divulgação do sarau.

Figura 3 - Ilustração de poemas



Fonte: Arquivo pessoal da autora

6.2.6 Aulas 15 e 16: O poder da palavra falada

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!

(Cecília Meireles)

Iniciamos a aula apresentando aos alunos o videoclipe do rap “A Rezadeira”, do rapper Projota⁴. Após a exibição do vídeo, propusemos um debate sobre as diferentes questões que são abordadas na letra, como desigualdade social no Brasil, opressão policial contra negros, a influência da religião como única esperança para os marginalizados. Nessa aula discutimos como as letras de canções têm o poder de representar problemas reais, por serem expressão artística e servirem como um espelho da sociedade.

Além disso, analisamos como o rap se aproxima da poesia, inclusive em seu próprio nome, que significa *rythm and poetry*, ou seja, ritmo e poesia. Explicamos aos alunos que o rap é um bom exemplo de arte híbrida, em que se mistura palavra, ritmo, música, literatura oral, poema, e que ele faz parte de um dos elementos da cultura hip hop, que juntamente com o grafite e a dança fazem parte de uma linguagem performática, em que temos a voz como uma linguagem diretamente ligada ao corpo: o rapper, no palco, tem tanta importância como a música cantada.

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-zrG6VJ9f4>, acesso em 20 de março de 2017.

Após essa conversa, os alunos foram desafiados a reescrever o rap “A Rezadeira”, transformando-o em numa narrativa em prosa, que se aproximasse de um conto ou uma crônica. Não foi preciso muita explicação sobre esse gênero, pois os alunos haviam estudado, recentemente, o assunto. As produções foram colocadas no mural da escola.

Como exemplo, segue um texto produzido e digitado por um aluno do 9º ano:

Ela deu à luz pela segunda vez

Lembro-me do seu primeiro dia de vida, naquele momento só sabia olhar pro seu rostinho, seu sorriso era meu ponto fraco. Pena que o tempo não foi favorável pra mim, você cresceu muito rápido, antes que pudesse imaginar a maldade do mundo já estava te contaminando.

Eu todos os dias avisei: afaste dessas pessoas antes que as grades te afastem delas, mais me ouvir nunca foi seu forte. Aos seus quinze anos já estava dependente e andando com seus manos, eu chorei ao ver seu primeiro boletim vermelho, tentei de tudo para afastar deles mais o castigo e as varas de goiaba na bunda não estavam fazendo efeito, foi aí que chorei pela segunda vez, ao saber que o errado não eram eles.

Hoje é um dia que seus amigos e familiares choram e fazem homenagem dizendo: Liberdade vai cantar. Te visitei nas grades, tentei te trazer de volta pra mim e mostrar o que o mundo te fez , mais não conseguir.

Ao sair das grades com muito ódio vai atrás dos manos, o tempo já tinha se passado e a metade deles já estavam com o papai do céu. Seus manos já estavam veloz como ele queria estar, mas pra ser veloz precisa de dim-dim no bolso.

O tempo foi passando e o dinheiro não estava entrando, foi aí que eles te convenceram a fazer seu primeiro roubo. Seu crime foi feito e sua veloz foi comprada. Já não te reconhecia mais, vendo acelerar no morro. Seus roubos eram muitos e seu amigo percebeu e te denunciou pros inimigos. O morro foi invadido e seu dia quase chegou, quando passou com a veloz o inimigo te reconheceu e o tirou te acertou.

Nesse momento entrei em desespero, atravessei os inimigos e te abracei , chorei e gritei, meu corpo estava banhado pelo seu sangue, nesse momento gritei para que Deus não te levasse como levou seus manos , a ambulância chegou mais não ajudou , vi o ferro de choque passar ao seu peito e nada ser feito, foi quando gritei pela última vez e Deus me respondeu, o milagre foi feito seus olhos abriram e você respirou e foi ai, meu filho que te dei à luz pela segunda vez.

6.2.7 Aulas 17 e 18: Declamações

A leitura do texto poético é escuta de uma voz,
o leitor, nessa e por essa escuta, refaz em seu corpo
e em seu espírito o percurso traçado pela voz do poeta
do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página.

(Paul Zumthor)

Com intuito de estimular a expressividade na declamação de poemas, iniciamos a aula apresentando um vídeo de Maria Bethania em que a cantora declama Fernando Pessoa, para que, posteriormente, inspirados, os alunos fizessem seus próprios vídeos, lendo trechos dos poemas selecionados e postassem na internet como forma de divulgação do sarau.

Explicamos aos alunos o poder dos textos literários como forma de expressão daquilo que nos cerca, mostramos o quanto a poesia está presente no cotidiano das pessoas, bem como nas mais variadas manifestações artísticas, e, por ter como matéria prima a vida, como ela trata também sobre questões sociais, filosóficas, reflexivas. A palavra dita num texto poético exerce um enorme poder, pois, sendo ele um texto cheio de significados, acaba por atribuir inúmeras interpretações dependendo do contexto em que é dito.

Os poemas escolhidos para essa aula foram: “Pátria Minha”, de Vinicius de Moraes e “Um fragmento de Romance LII ou das Palavras Aéreas”, do *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles. Os alunos publicaram essas declamações nas redes sociais que eles usam.

6.2.8 Aulas 19 e 20: Um pouco de teoria musical

O homem que não possui a música em si mesmo,
Aquele a quem não emociona a suave harmonia dos sons,
Está maduro para a traição, o roubo, a perfídia.
Sua inteligência é morna como a noite,
Suas aspirações sombrias como Erebo.
Desconfia de tal homem! Escuta a música.

(William Shakespeare)

Essa aula foi um pouco diferente, convidamos a professora de música Gabriela Lelis Euzito Silva para ajudar os alunos com as questões de divisão de vozes, formação de duetos, trios e jograis. Além disso, ela preparou os alunos para usar a voz em público na hora das declamações poéticas e durante as apresentações musicais.

A professora formou um grande coral para cantarem as músicas que seriam entoadas no dia da apresentação, fazendo com que todos os alunos participassem das apresentações. A recepção dos alunos foi muito boa, e é sempre muito

produtivo quando temos a ajuda de profissionais especializados na área de música para ajudar os alunos com as questões de impostação de voz.

6.2.9 Aulas 21 e 22: Poesia, música, dança e teatro

Toda arte é local antes de ser regional,
mas, se prestar, será contemporânea e universal.

(Ariano Suassuna)

Essa aula foi ministrada por Viviane Corrêa, professora efetiva do quadro de funcionários da EMEB Galdino Theodoro da Silva. Ela tem uma vasta experiência com apresentações teatrais e musicais, inclusive há um projeto, muito apreciado pelos alunos, chamado “Vem dançar”, em que ela trabalha com os alunos das escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim.

A professora Viviane deu algumas dicas de como se apresentar no teatro, além de explicar aos alunos que declamar um poema é muito mais que memorizá-lo, é pelo corpo que as emoções são demonstradas em um poema; sendo assim, ele tem uma sequência rítmica e não pode ser apenas lido, precisa ser encenado com expressividade. Ela apresentou, nessas duas aulas, algumas técnicas de respiração e relaxamento, para os alunos que iriam declamar e cantar.

Logo após, pediu para que os alunos reproduzissem alguns poemas conforme as técnicas ensinadas por ela. Ficou decidido, nessa aula, quem declamaria os poemas individualmente e quais seriam declamados em duplas, trios e jograis. Os alunos gostaram muito dessa aula e foram perdendo a timidez. Foi muito enriquecedor ter alguém que trabalha com teatro explicando técnicas para os adolescentes, isso os tornou mais confiantes.

6.2.10 Aula 23 e 24: A poesia em movimento

Dança é celebração, meio de comunicação, uma linguagem
para muito além das palavras; é a manifestação do instinto de
vida. Uma vez que as palavras não atingiram sua completude,
os homens apelaram para as artes: então o homem dança,
celebra e clama o imperecível.

(Chevalier)

Iniciamos a aula, apresentando o pibidiano, estudante de Educação Física João Victor dos Santos Silveira, que ficou responsável, sob a orientação da professora Renata, por criar as coreografias apresentadas no sarau. Ele falou da importância do corpo na interpretação da música em forma de dança. Essa foi a última oficina. A partir desse momento, os alunos passaram a ensaiar à noite, sob a supervisão da Comissão Organizadora.

A apresentação das coreografias, por parte do João Victor, foi muito esperada, visto que ele já havia coreografado outras danças em saraus anteriores e os alunos gostam muito de suas dinâmicas.

6.3 TERCEIRO MOMENTO – A ENTREGA DOS ROTEIROS

Somos democratas
Somos os primatas
Somos vira-latas
Temos pedigree
Somos da sucata
E você aí?
Somos todos eles
da ralé da realeza
Somos um só, um só
123, quando juntos,
somos muitos
Somos um só, um só...

(Tribalistas)

A entrega do roteiro é sempre muito esperada pelos alunos, pois os ajuda a ter uma ideia real do que vem a ser um sarau. É como se os ensaios tivessem se materializado com o roteiro, por isso sempre fazemos dessa entrega algo bem especial. Combinamos com os ex-alunos para que recebessem os alunos com música, de forma bem descontraída, no auditório da escola, no período noturno.

Nessa etapa, eles são incentivados a vencer a timidez de declamar, cantar, tocar ou dançar, sempre deixando claro que não se tratava da apresentação de atores profissionais, mas de alunos que se interessam pelo texto poético de alguma forma.

Usamos esse momento para socializar ainda mais os alunos entre eles mesmos e com os ex-alunos. E mostramos que, apesar do sarau ser dividido em equipes, conforme a vocação de cada um, ele é um evento que preza pela coletividade, pela colaboração e união dos participantes; assim, embora seja um trabalho coletivo,

cada um tem sua importância individual. Além de ser um momento separado para o contato de textos literários com seus pares a partir de uma perspectiva cultural, pode ser também um momento a partir do qual os participantes dão uma nova trajetória a suas vidas, baseada na cultura e na arte; afinal, os saraus tem a característica de dar vez e voz às manifestações poéticas.

Assim, como o sarau é um evento em grupo, de nada adianta cada um saber somente a sua parte, é preciso que todos estejam totalmente inteirados com o que vai acontecer; por isso sempre entregamos um roteiro completo a cada aluno, para que, assim, todos sintam-se protagonistas e responsáveis pelo sucesso do sarau.

Alguns ex-alunos falaram da importância do sarau na vida deles, como perderam a timidez, o medo de se expressarem, o prazer de conviver com pessoas diferentes, a alegria de reforçar laços de amizades, além de conhecerem músicas e poemas aos quais eles ainda não tinham sido apresentados.

Nessa fase, decidimos quem iria criar o *layout* que irá simbolizar o sarau, explicamos que precisamos de uma imagem que identifique o evento e essa imagem irá ilustrar os convites, bem como todo material de divulgação. Decidimos também fazer uma camisa com essa marca do sarau, para o dia da apresentação.

Reforçamos também que eles devem alimentar as redes sociais que frequentam com poemas, alguns vídeos dos ensaios, bem como o convite para que as pessoas possam ir ao sarau.

6.4 QUARTO MOMENTO – ENSAIOS E DIVULGAÇÃO

Arte pra mim não é produto de mercado.
Podem me chamar de romântico.
Arte pra mim é missão, vocação e festa.

Ariano Suassuna

Apresentar-se para um público pode intimidar alguns alunos. Por isso, fazer uma programação com bastante antecedência, com ensaios frequentes, foi tão importante, pois pouco a pouco eles foram se sentindo mais à vontade, percebendo que não se tratava de um evento profissional, e que eles não estariam sendo avaliados e poderiam improvisar. Além disso, teriam a possibilidade de usar o

microfone e os demais efeitos visuais, fazendo com que se sentissem mais confiantes.

Por meio do conceito de performance, o ler/dizer poemas desdobra-se em um evento/obra cênica que afeta e atravessa quem aceita e entra no jogo poético – como leitor ou ouvinte. A existência de um texto poético requer uma circularidade que se inicia com a produção, passando pela transmissão e recepção, chegando à conservação e repetição. Esse ciclo que remonta à tradição oral da poesia tem sido preservado nas apresentações do sarau.

Ao final de cada ensaio, houve sempre uma conversa para que todos pudessem comentar sobre suas atuações, o que ficou bom, o que poderia ser melhorado, retirado ou acrescentado ao roteiro.

A divulgação do sarau foi feita da seguinte forma: uma equipe de alunos, orientados pela professora Renata e pelo pibidiano Ojuobá Pedro, confeccionou um folder, um marca páginas, uma caixinha com os poemas que foram declamados no sarau e foram dados aos professores e à secretaria municipal de educação de Cachoeiro de Itapemirim, e o convite que foi enviado aos pais e divulgado na internet.

Todos os alunos participaram do sarau, cada um procurou se enquadrar naquilo com que tinha maior aptidão, interesse e desenvoltura. Quem não se identificou com danças, declamações ou com os cantos ajudou na parte técnica: sonoplastia, registro em vídeo dos momentos do antes, durante e depois do teatro. E ainda tivemos aqueles alunos que ajudaram na organização de forma geral: recepcionando o público no teatro, administrando o grupo de Whatsapp para informações dos ensaios, entregando os roteiros no dia da apresentação, mostrando a sequência de cada ato do sarau.

6.5 QUINTO MOMENTO – AS APRESENTAÇÕES NO TEATRO

...Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebatá-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso do exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito...

Chico Buarque

Após meses de oficinas e ensaios, o sarau Minha Língua, Minha Pátria, dos alunos dos nonos anos da EMEB Galdino Theodoro da Silva foi realizado, no dia 25 de setembro de 2018, às 19 horas no Teatro Rubem Braga. Nele foram apresentados aos pais, professores e toda comunidade escolar textos poéticos, danças, dramatizações e canções que homenageavam a Língua Portuguesa.

Esta foi a fase mais esperada pelos alunos, por ser a culminância de todo um trabalho realizado nas aulas e fora delas. Ter vez e voz, dizer e ouvir textos poéticos para um público tão grande foi determinante na formação do protagonismo dos alunos. Foi o momento em que os alunos tiveram a oportunidade de verbalizar sentimentos, indignações, sonhos, descobertas. A poesia é um instrumento poderoso para libertar, transformar, perceber-se e perceber o outro e o mundo.

Essas apresentações dos alunos à comunidade escolar, dentro de um espaço fora da escola – que, no caso aqui apresentado, foi o Teatro Municipal Rubem Braga – trouxe a possibilidade da aproximação entre classes populares e literatura, seja um cânone ou literatura marginal, pois permitiu que os participantes usassem em suas falas, suas marcas de personalidade, seus gestos, trazendo uma identificação com o receptor, fazendo com que eles se poético, propagando ainda o caráter libertador da poesia como instrumento de transformação social.

6.6 SEXTO MOMENTO – ACABOU, E AGORA?

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

(Carlos Drummond de Andrade)

No processo de experimentação poética vivenciado até aqui, durante a produção do roteiro, da escolha do repertório e dos ensaios dos saraus, os alunos

começaram a perceber que compartilhar leituras compõe a vivência poética e que o desafio da performance estimula, encoraja e consolida o grupo, constituindo a conquista de um novo lugar dentro da escola.

Tem sido muito comum que, nos ensaios dos saraus, alunos indisciplinadas, turmas desorganizadas e desunidas, para se apresentarem como um grupo que tem algo a oferecer, acabem mudando seus comportamentos e se agregando, enxergando-se no mundo e formando, portanto, uma ligação dialógica produzida pela literatura.

Logo após o sarau, os alunos fizeram um relatório das apresentações e cada um falou sobre suas dificuldades e os aprendizados adquiridos, fizeram também comentários sobre o desempenho que tiveram, o que sentiram ao se apresentar em público e o que consideram que poderia melhorar para a apresentação dos próximos saraus.

Além disso, os alunos dos nonos anos produziram um boletim informativo, relatando, no formato de texto jornalístico, como foi o sarau, mostrando fotos, escrevendo comentários do que foi o sarau para eles. Esse boletim teve circulação interna e foi distribuído a cada aluno dos nonos.

Ficou combinado que algumas coreografias apresentadas no sarau seriam reapresentadas na abertura do Intercalasse, na quadra da escola. De igual modo, estabeleceu-se que o grupo da apresentação performática do rap “A Rezadeira” iriam se reapresentar no dia da Consciência Negra.

Os alunos fizeram também uma oficina de poesia que se intitula “Lugar de poesia é na calçada”. Foram poemas que eles criaram no laboratório de informática, em estilo Lambe-Lambe, e distribuíram aos transeuntes, na Praça Jerônimo Monteiro, no centro da cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Foi uma experiência inesquecível para os alunos, que foram fantasiados e abordavam as pessoas aleatoriamente e perguntavam se poderiam ler um poema para eles. Além de distribuir poemas, alguns alunos cantaram e tocaram ao violão algumas músicas entoadas no sarau. Essa apresentação ocorreu no dia 03 de dezembro de 2018, em uma segunda-feira, em que os alunos dos nonos foram liberados das aulas, por terem feito a

prova de admissão ao IFES. Agora com a experiência do sarau, no Teatro Rubem Braga, eles estavam com mais desenvoltura e menos timidez.

7 PRODUTO EDUCACIONAL

Por se tratar de um mestrado profissional, o trabalho de conclusão final prevê a elaboração de um produto, de acordo com a Portaria Normativa, nº 17, de 28 de dezembro de 2009, artigo 7º, inciso VIII, parágrafo 3º. Nossa pesquisa, portanto, culminou na produção de um Manual Pedagógico, direcionado aos professores do ensino fundamental, elaborado com o objetivo de relatar atividades pedagógicas desenvolvidas antes, durante e depois da produção do sarau literário *Minha Língua, Minha Pátria*, aplicado aos alunos dos nonos anos da Escola Municipal Galdino Theodoro da Silva, situada em Cachoeiro de Itapemirim, no ano de 2018.

Por entender que a escola é o principal cenário para se apresentar aos alunos um contato mais aprofundado com o texto poético, buscamos, com base em pesquisas e teorias que defendem que o gênero lírico não deve ser usado como uma forma de dissecação da gramática, elaborar um produto que valorizasse as múltiplas interpretações que ele pode trazer.

Nele estão estruturadas propostas como um guia, ou um passo a passo, com orientações metodológicas que possam dar suporte ao trabalho de professores que queiram resgatar a leitura poética por meio de saraus literários, evento de origem popular que, desde as comunidades primitivas, visa usar a poesia, o canto e a dança como manifestações da interatividade da vida social, mas, por entendermos que cada professor tem uma forma particular de trabalhar textos poéticos, pensamos em ser esse produto também utilizado para outros fins, portanto as atividades aqui descritas podem ser reorganizadas e recriadas de acordo com a realidade de cada escola.

Esse material foi organizado em três partes. Na primeira fazemos algumas considerações teóricas sobre a importância da leitura de textos literários, bem como suas apresentações em forma do evento literário sarau. Na segunda parte, são expostas as atividades do antes, durante e depois do sarau, com propostas que foram usadas para a apresentação do sarau *Minha Língua, Minha Pátria*. Na última parte disponibilizamos o roteiro completo do sarau apresentado.

Portanto, esse manual pedagógico foi elaborado em forma de relatos de todas as atividades que envolveram o sarau e tem como objetivo atender às necessidades dos professores que pretendem trabalhar com textos literários de uma maneira diferente, culminando num sarau literário. Ele é, naturalmente, apenas uma sugestão, pois pode ser adequado à realidade de cada professor e cada escola.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

Fernando Sabino

Na escola, na maioria das vezes, não se valoriza o hábito de ler poesia, muito menos de se ouvir música popular brasileira (que nada mais é que arte rica em letras de valor literário), pois se entende que há uma leitura obrigatória de textos mais urgentes, de acordo com o programa curricular, que acaba sobrepondo-se ao simples prazer de desfrutar textos mais enigmáticos pela sua conotação, como a poesia e a música. É exigida do aluno a leitura e escrita em forma de prosa em textos mais objetivos, em detrimento dos textos em forma de poema, carregados de subjetividade. Esse costume escolar acaba tolhendo um pouco a criatividade, já que os poemas podem dar uma maior margem ao aspecto subjetivo do indivíduo, tanto no uso da linguagem quanto na organização formal do texto e das ideias apresentadas. Além disso, como diz Paulino (2001) em sua obra *Tipos de textos, modos de leitura*:

[...] um poema não pode ser lido com o fim de se explorar apenas o conteúdo em busca de informações... Mais do que isso, o trabalho poético deve ser reconstruído na leitura através da exploração de estratégias tais como: disposição gráfica; o tamanho dos versos, o ritmo, os aspectos sonoros da linguagem em geral [...] (PAULINO, 2001, p. 95).

O papel do sarau literário, nesse sentido, é, sobretudo, resgatar a importância dos textos poéticos, salientando a importância que o gênero poema tem nos Parâmetros Curriculares Nacionais; importância que vai além do pretexto de se ensinar conteúdos gramaticais através de poemas e canções. O desenvolvimento deste projeto, portanto, surgiu da preocupação de fazer os estudantes conhecerem os vários gêneros literários, mas principalmente os textos poéticos, fora do contexto didatizante, que procura apenas dissecar a estrutura do poema.

Foram utilizados métodos de ensino diversificados, como aula dialogada, produção de poesia, dramatização, leitura de diferentes gêneros textuais, leitura dinamizada, apresentação musical, dança e a pesquisa sobre o tema do sarau. Essa proposta de trabalho buscou envolver a vocalidade dos poemas e da música, os versos, as rimas, os gestos e suas infinitas possibilidades de interpretações que os gêneros literários trazem. O projeto teve culminância em uma apresentação, no dia 25 de setembro, de 2018, às 19 horas, no Teatro Municipal Rubem Braga, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, para pais, alunos, comunidade escolar e visitante em geral. E, por essa apresentação se passar no Teatro Municipal da cidade, trazemos ao evento uma oportunidade de pessoas que nunca teriam a chance de irem a esse tipo de espaço poder frequentá-lo, e mais: percebe-se que com o passar dos anos começamos a criar um público de frequentadores, pois cada vez mais pessoas querem ir ao Sarau do Galdino, sejam essas pessoas alunos, ex-alunos ou pessoas da própria comunidade.

O maior desafio deste projeto de produção de Sarau Literário foi conquistar o empenho efetivo dos alunos, fazê-los ter vontade de participar de atividades que envolvessem textos poéticos de uma forma diferente das que eles estão acostumados na sala de aula, sem que isso seja banalizado, sem que seja interpretado como um entretenimento, apenas, mas que seja visto com algo sério dentro da comunidade escolar.

Temos consciência do quanto os textos poéticos têm sido negligenciados nas escolas e o quanto eles são usados como aporte do ensino de gramática, o que acaba por distanciar os alunos desse tipo de arte, criando, portanto, alunos que dizem não se interessar por poesia. Mas podemos observar que, ao darmos um novo olhar, fazendo com que eles possam vivenciar esses textos por meio de performances diferentes, distanciando-se da maneira tradicional, os alunos passam a demonstrar maior interesse.

Percebemos também que muitos alunos que se mostravam totalmente apáticos com relação a textos poéticos acabam por se envolver com o sarau de forma surpreendente, demonstrando muitas vezes um potencial artístico que nem mesmo os professores conheciam. Além do aspecto da emoção que um texto poético

promove, percebemos também que os alunos, durante as aulas que antecederam o sarau e mesmo após a apresentação do mesmo, começaram a perceber o texto poético de forma mais crítica e reflexiva.

O sarau é na verdade um evento em que cada apresentação, seja ela, uma declamação de poesia, um encenação, uma dança ou mesmo a música cantada, são um espetáculo a parte para o público, que no geral se espanta ao ver jovens e adolescentes se expressarem de forma tão pessoal e ao mesmo tempo coletiva. Percebemos que as danças e as músicas entoadas pelos alunos tocam muito o público, que não se sente intimidado ao aplaudir a cada nova apresentação, trazendo certa interação da plateia com os apresentadores.

Em vista do que tenho vivido nesses anos com apresentações de saraus nas escolas, reunido às pesquisas teóricas, entendo que o projeto de introduzir textos poéticos por meio de saraus literários tende atingir seu objetivo: que vai além das simples declamações, tendendo a expandir o gosto pelos poemas nos alunos participantes, na esperança de que as experiências vividas com a literatura de forma planejada possam contribuir de maneira bastante influenciadora para a formação do aluno leitor.

Em contrapartida, para que atividades desse tipo sejam executadas e permaneçam por anos seguidos, é necessário a anuência de um colegiado que sustente um projeto pedagógico analisado e que se torne viável coletivamente. Ou seja, é fundamental pensar num trabalho que seja organizado, planejado e discutido com o propósito de gerar um projeto da escola e não de um único professor. Por essa razão, pretendemos que o material resultante dessa pesquisa sirva de produto educacional para orientar outros professores e encontre aceitação nas escolas de Ensino Fundamental, de forma que inspire aplicações ajustadas às mais variadas realidades educacionais

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Julia Pinheiro. **Cidade cantada**: experiência estética e educação. Dissertação de mestrado, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo. São Paulo.
- ARAUJO, Jander Antônio de Sá. **A poética do sarau em A Moreninha**: liturgia e semiose. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAUJO, João Marcos Pulz. **O desafio pedagógico de formar leitores**: análise do Projeto “Sarau Literário”. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo.
- ARISTÓTELES, **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARROS, José D’Assunção Barros. O rei e a sátira contra a nobreza: considerações sobre a poesia satírica de Afonso X, um Rei-Trovador do século XII. In: **Revista de letras**, vol. 52, n. 2 (Julho/Dezembro), p. 33-46.
- BRASIL, Ministério da Educação. **PDE**: Plano de desenvolvimento da educação: Prova Brasil. Ensino Fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB, Inep, 2008.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua portuguesa. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: nº9394/96. Brasília: 1996.
- BILAC, Olavo. **Poesias**. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BUARQUE, Chico. Tua cantiga. **Caravanas**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017.
- CAMÕES, Luís Vaz de. Soneto V. Sonetos, de Luís de Camões. Biblioteca virtual do estudante brasileiro.
Acesso em: <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>,

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul., 2004.

CHACAL. Rápido e rasteiro. **Belvedere**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2007. p. 353.

CICERO, Antônio. **A poesia e a crítica**: ensaios. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, Leo. **Cantigamente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria & prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino?. In: SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo, Ática, 1999.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. Martins Fontes, 2006

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

HASELBACH, Barbara. **Dança, improvisação e movimento**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1989.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **A Moreninha**. São Paulo, Editora FTD, 1998.

MARASSI, **Julinho**. **Aos meus heróis**. Rio de Janeiro: Independente, 2001.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fAysal8oYp8>. Acesso em: março de 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Letramento. In: IONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA; Maria Auxiliadora (Org.). **Da fala para a escrita** – atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINHO, Josefa Janiele Cordeiro. O caráter educador dos saraus poéticos: Literatura Marginal em foco. **Revista de estudos literários, cultura e alteridade: IGARAPÉ**, Pernambuco, v. 5, n. 2, 15 p, 2017.

NAMORADO, Joaquim. Aviso à Navegação. **Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003.

MEIRELES, C. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

MELO, Eleomar Figueiro. O Rapto da Joana do Tarugo. **Na quadrada das águas perdidas**. Salvador: Seminário Livre de Música da Universidade Federal da Bahia, 1978.

MORAES, Vinicius. **Antologia poética, volume I**. Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NERUDA, Pablo. **Presente de um poeta**. São Paulo: Vergara & Ribas, 2001.

OTTONI, Paulo Roberto. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1998.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. São Paulo: Papyrus, 1998.

PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Organização de Fernando Cabral Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PROJOTA. **A rezadeira**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l-zrG6VJ9f4>>. Acesso em: março de 2018.

QUITES, Aline Porto. **A presença do texto literário na arte da performance**. 2017. Tese - (Doutorado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina. 2017.

RAMIL, Kleiton. **Vira virou**. Rio de Janeiro. Gravadora Ariola, 1980.

SABINO, Fernando. **O escolhido in O Encontro Marcado**. 79ª ed. São Paulo: Record, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e Prática Científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada. 4. reimpressão. São Paulo: Cortez, p. 99-126, 2007.

SILVA, Fransuelen Geremias, SILVA, Mateus Gomes, FONSECA, Paulo Marcus Oliveira, RADIC, Leila Maria Ribeiro. **Saraus contemporâneos: a importância dos saraus com espaço político de socialização**. Cadernos CESPUC de pesquisa. Belo Horizonte, v. 1, n. 29, p. 18, 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENNINA, Lucia. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 42, p. 11-28, 2013.

TENNINA, Lucia. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo**. Estudos de Literatura Contemporânea, Brasília, n. 58, p. 6-11, 2017.

TREVISAN, Armindo. **Reflexões sobre a poesia**. Porto Alegre: InPress/UFRGS, 1993.

TONIN, Fabiana Bigaton, **Leitura de fruição na escola: o que alunos e professores têm a dizer?**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

VELOSO, CAETANO. Você é linda. **Caetanear**. Rio de Janeiro. Universal, 1983.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática S.A., 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2010.

APÊNDICE A – Explicação do roteiro do sarau *Minha Língua, Minha Pátria*

Segue o roteiro, na íntegra⁵, do sarau *Minha Língua, Minha Pátria*, que foi apresentado pelos alunos dos nonos anos, da EMEB “Galdino Theodoro da Silva”, no dia 25 de setembro, de 2018, às 19 horas no teatro Rubem Braga, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim.

Para preservar a identidade dos alunos os nomes foram trocados por nomes de personagens da nossa literatura. Esclarecemos que, ao registrar *BANDA E CORAL*, estamos nos referindo a todos os alunos que decidiram fazer parte da equipe de música, o que não impediu que participassem de outras atividades dentro do evento. A mesma coisa acontece quando escrevemos *COREOGRAFIA*: estamos nos referindo aos alunos dos nonos anos que quiseram participar das danças. E por último, quando escrevemos *IMAGEM TELÃO*, são as imagens que a equipe de alunos escolheu para serem projetadas, conforme o contexto do que estava sendo apresentado.

O roteiro desse sarau foi idealizado como se fosse um trabalho escolar feito por alunos sobre a Língua Portuguesa e que eles teriam que apresentar para a professora; portanto, ele foi criado como um espetáculo cênico em que são inseridas as danças, as declamações, as falas e as músicas selecionadas especialmente para esse momento. Como se trata de adolescentes interpretando a si próprios, a linguagem utilizada é a coloquial, com uso de gírias e expressões informais.

⁵ Inserimos as referências bibliográficas e musicais usadas no roteiro do sarau para facilitar o uso dos professores.

APÊNDICE B – Roteiro Minha Língua, Minha Pátria

FALA DE APRESENTAÇÃO DA PROFESSORA:

Boa noite! Eu sou a professora Renata e gostaria de agradecer em nome da EMEB Galdino Theodoro da Silva, a presença dos pais, familiares e amigos aqui presentes. Agradeço à diretora Aurea Regina Légora, que permite e incentiva manifestações culturais em nossa escola. Agradeço também a toda equipe pedagógica e administrativa da escola, bem como a todos os colegas que tão presentes e pacientes, e principalmente a Deus.

A ideia do projeto do sarau *Minha língua, Minha Pátria* foi pensada com o objetivo de incentivar as diversas formas de expressão, além de mostrar que a literatura está no cotidiano, devendo ser compreendida como a arte da palavra, pois é através dela que conseguimos demonstrar nossos desejos e ideologias, mesmo que seja recriando nossa realidade; e isso pode ser através de poemas clássicos, da MPB, do grafite e até mesmo de posts na internet. Aliás, a internet foi nossa aliada nesse projeto, pois bem antes de começarem os ensaios, nossos alunos foram incentivados a criar uma conta no Instagram com o nome *Minha Língua, Minha Pátria*, onde eles postavam poemas, trechos de livros ou de canções e poemas ou reflexões criadas por eles próprios, provando que a literatura pode sim entrar no gosto dos nossos jovens. O sarau que vocês irão assistir hoje conta um pouco da história da língua portuguesa e de suas variantes. Nosso objetivo é levar aos alunos, familiares e amigos a assistirem apresentações que retratem o sentimento de pátria que uma língua deixa em cada indivíduo. Alguns dizem que a língua portuguesa foi imposta, outros, emprestada de Portugal, e ainda que o Tupi deveria ser a nossa língua nacional.

Emprestada ou imposta, hoje ela é a língua portuguesa do Brasil; nosso símbolo pátrio, ela é a língua em que ouvimos e balbuciamos as primeiras palavras, em que aprendemos a ler e escrever, é através dela que expressamos nossas ideias, emoções, pensamentos e na verdade criamos um elo de nacionalidade. O sarau *Minha Língua, Minha Pátria* vai contar um pouco da história de expansão da língua portuguesa desde a Idade Média, passando pelo descobrimento, chegando até os

dias de hoje, isso de forma leve e descontraída. Espero que vocês gostem e que saiam daqui hoje entendendo que uma língua falada não é apenas uma língua, é a nossa identidade cultural e nacional; e devemos nos orgulhar de vivermos num país tão grande e com tanta diversidade cultural e regional, mas que fala a mesma língua, e isso é uma maneira de estar no mundo que merece ser reconhecida e dignificada internacionalmente, porque, como diz o grande poeta português Fernando Pessoa, a nossa pátria é a língua portuguesa.

E para quem ainda está se perguntando o que é um sarau, eu tenho como resposta que sarau nada mais é que uma festa entre amigos. Nesta festa, ouvimos boa música, dançamos, lemos trechos de poemas, encenamos, enfim, fazemos poesia. Mas o nosso sarau é além de tudo isso um convite à felicidade, Sejam felizes então! Com vocês, *Minha Língua, Minha Pátria*.

CORAL E BANDA – Aos meus heróis.

MARRASSI, JULINHO. **Aos meus heróis**. Rio de Janeiro: 2002.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7oXis0HZPz0>

FOTOS DOS ALUNOS NO TELÃO DO TEATRO COM A MÚSICA “TEMPOS MODERNOS”

COREOGRAFIA DE MÚSICA EM INGLÊS

CAPITU – (Antes de terminar a coreografia, Capitu entra e interrompe a dança dos alunos e começa a falar com tom de desaprovação) – Que é isso que está acontecendo aqui? Isso aqui é um sarau sobre a língua portuguesa, sabia? E vocês me entram com uma coreografia de música em inglês? Que palhaçada é essa?

LUISA - Ah! Mas não tem como fazer nenhuma apresentação bonita no teatro sem música em inglês, Capitu! Vai ficar muito pobre, muito sem graça, ninguém vai gostar!

CAPITU – Que não dá, menina! Quem colocou isso na cabeça de vocês? Nossa língua é incrível, nosso ritmo contagia todo mundo! O mundo todo dança ao ritmo das músicas brasileiras. Fiquem por aqui que vocês vão ver que espetáculo que iremos fazer contando um pouco da história da nossa língua.

LUIZA – (Olhando Capitu, meio desacreditada) Quero só ver!

(O pessoal da coreografia sai chateado e reclamando. Nesse momento entra pelo outro lado da coxia o aluno Dirceu, que se encaminha até o meio do palco e declama o poema “Sintaxe à vontade”, de Fernando Anitelli. Acabado o poema, entra a banda e os alunos cantando “Um só”, dos Tribalistas)

ARTHUR - Declamação do poema/canção Sintaxe à vontade.

ANITELLI, FERNANDO. **Sintaxe à vontade**. São Paulo, 2003.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=obGnfvtDA_g

BANDA E CORAL – Um só.

ANTUNES, ARNALDO/ ANTUNES, BROWN, CARLINHOS/ MONTE, MARISA.

TRIBALHISTAS. **Um só**. Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K0dDSRbpRHQ>

CAPITU - As discussões sobre nossa Língua Portuguesa sempre levantaram muitas questões que, na maioria das vezes, não puderam ser respondidas com precisão ou sem levar em conta as particularidades pessoais, o lugar do falante, o momento histórico. E em alguns momentos nos perguntamos se ainda falamos português ou se já podemos dizer que somos falantes e viventes de uma língua “brasileira”. Bom, questões teóricas à parte, o que se pode dizer é que a língua é sempre viva e deve ser celebrada por aquilo que ela manifesta: a cultura, a música, a arte, o pensamento, enfim, as subjetividades. E é isso que vamos celebrar aqui, hoje: as inúmeras possibilidades de nos expressarmos através da palavra, através da palavra falada na língua portuguesa.

HELENA - Nosso sarau não tem a pretensão de fazer um relato histórico do surgimento da Língua Portuguesa, mas tem a intenção de homenagear essa língua nossa do dia a dia. Por isso, fiquem agora com BENTINHO e o poema “A Palavra Mágica”, de Carlos Drummond de Andrade.

BENTINHO - Declamação do poema. “A Palavra Mágica”, de Carlos Drummond de Andrade.

ANDRADE, CARLOS DRUMMOND. **A palavra mágica.**

Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTkyNjg0/>

CAPITU – (Entra com uma luneta e grita) Terra à vista! Nossa! Que emoção! Tem duas coisas que eu sempre tive vontade de falar: Siga aquele carro e Terra à vista! Mas acho que hoje aqui cabe melhor “Terra à vista”, né? Nossa, estou tão emocionada! Vou deixar as meninas explicarem para vocês a importância dessa expressão para a nossa história!

AURÉLIA – Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com dois objetivos principais: descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a Era das Grandes Navegações e Descobrimentos Marítimos.

EMILIA – Portugal foi o pioneiro nas navegações devido a uma série de condições encontradas neste país ibérico. A grande experiência em navegações e principalmente a pesca de bacalhau ajudaram muito os navegantes portugueses. As caravelas, principal meio de transporte marítimo e comercial do período, eram desenvolvidas com qualidade superior à de outras nações. Neste país também houve a preocupação com os estudos náuticos e os portugueses chegaram a criar até mesmo um centro de estudos para se tornarem os melhores navegadores da época.

MACABEA – Mas navegar nos séculos XV e XVI era uma tarefa muito arriscada, principalmente quando se tratava de mares desconhecidos. Era muito comum o medo gerado pela falta de conhecimento e pela imaginação da

época. Muitos acreditavam que o mar pudesse ser habitado por monstros, enquanto outros tinham uma visão da terra como algo plano e, portanto, ao navegar para o "fim" a caravela poderia cair num grande abismo.

ESCOBAR - O poeta Fernando Pessoa também, bem mais tarde no século XX, vai exaltar a glória das Grandes Navegações e os seus heróis, e conseqüentemente o destino de Portugal: alegria e dor, sucesso e tristezas, apogeu e decadência. No poema "Mar Português" ele deixa clara a intenção não só de engrandecer o povo português pelos seus feitos marítimos, mas deixa claro também que as dores que essas expedições causaram em quem ficava em terra não foram poucas, mas deixaram grande lição: não há como se alcançar um grande feito sem os perigos e as dores que encontraremos no caminho. Com vocês: "Mar Português", de Fernando Pessoa.

IMAGEM NO TELÃO DE UMA CARAVELA

GABRIELA - Declamação do poema "Mar Português", de Fernando Pessoa
PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Org. MARTINS, Fernando Cabral. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARTHUR – Essa música que iremos ouvir agora tem tudo a ver com o coração e o pensamento do povo português, povo apaixonado pelo mar e pela vontade de expandir seus domínios e assim conhecer as maravilhas do novo mundo que se despontava. Viajar é preciso, viver não é preciso, eis o lema dos navegantes de Portugal. E foi assim com esse espírito desbravador que há mais de 500 anos, Vasco da Gama zarpu de Lisboa, deu a volta à África e chegou à Índia, na maior proeza da era das grandes navegações.

BANDA E CORAL – "Vira virou", Kleiton e Kleidir
KAMIL, KLEITON. **Vira virou**. Rio de Janeiro, 2018.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XvJjgz4u-Y>

IRACEMA – Lindo, né? (MEIO MALICIOSA, OLHANDO PARA ESCOBAR)
Gente, como esse menino é lindo, ou quer dizer, como essa música é linda!

CAPITU - Esse pessoal de antigamente sabia fazer música! Bom, deixa isso pra lá! Gente, esse povo português era tão apaixonado, mas tão apaixonado pelas grandes navegações que um escritor chamado Luís Vaz de Camões, ou simplesmente Camões escreveu um poema gigante, mas gigante mesmo, só pra ter uma ideia, esse poema, que o pessoal na escola chama de epopeia, tem mais de 8000 versos. Epopeia... Bonito nome, né? Epopeia... Gostei... Epopeia!

IRACEMA – Capitu, será que não é melhor a gente perguntar à professora Renata ou à professora Luciene o que é esse negócio de epopeia. Sei lá, vai que é palavrão e palavrão você sabe, né, minha igreja não permite e aqui no sarau a gente também não pode falar...

CAPITU – Larga de ser boba, Iracema. Você acha que um nome lindo desses vai ser palavrão... Epopeia... Não, e tem outra: eu pesquisei na internet, menina, lá tem de tudo, literatura clássica, blog de moda, site de namoro, comida gourmet, sites de fofocas, enfim, tem de tudo...

IRACEMA – Capitu, você tem certeza então? Porque a professora Renata falou que a gente não pode confiar em tudo que lê na internet não, heim! Igual a esses poeminhas que o pessoal põe no Facebook, no status de Whatsapp e fala que é de Clarice Lispector, Machado de Assis e às vezes nem é, pode ser da Gretchem, do Jacaré, do É o tchan... Vai que esse é negócio de epopeia é do Jacaré, do É o tchan ou do compadre Washington, esse pessoal fala palavrão, Capitu... tenho medo...

CAPITU – Que Jacaré do É o tcham, compadre Washington, você é doida? Você, só pode estar doida, eu pesquisei no nosso livro da escola, tá bom? No livro da escola! Epopeia de acordo com o dicionário é poema extenso que narra as ações, os feitos memoráveis de um herói histórico ou lendário que representa uma coletividade; poema épico, poema heroico. Sucessão de eventos extraordinários, ações gloriosas, retumbantes, capazes de provocar a admiração, a surpresa, a maravilha, a grandiosidade de um povo. E no caso

aqui essa epopeia chamada *Os Lusíadas* tem 1102 estrofes, mais de 8 mil versos. Ufa! Cansei só de pensar!

IRACEMA – Ah, se você pesquisou então tudo bem!

CAPITU – Vocês têm noção do que são oito mil versos? É muito verso, gente! E Camões fez esse montão de versos com um único assunto: contar a viagem que Vasco da Gama fez às Índias. (Voltando-se para a plateia) É meio exagerado, né, mas tudo bem, tem gosto pra tudo, né? Não precisa nem falar que *Os Lusíadas* é o maior poema da língua portuguesa, né, gente!

IRACEMA – N'Os *Lusíadas*, Camões conta histórias sobre as perigosas viagens marítimas e a descoberta de novas terras, povos e culturas, exaltando o heroísmo do homem navegador, aventureiro, cavalheiro e amante, e também destemido e bravo, que enfrenta mares desconhecidos em busca dos seus objetivos. Nossa! Queria um homem desses, gente! Meu Deus, que inteligente!

CAPITU – Para de gracinha, Iracema, que isso aqui é um sarau sério!

IRACEMA – Estava brincando, Capitu, eu também pesquisei e aprendi que *Os Lusíadas*, além de narrar o caminho para a descoberta das Índias, fala sobre as grandes navegações do império português, os reis e heróis de Portugal, dentre outros fatos que o tornam um poema histórico, enciclopédico. Em paralelo, desenvolve-se também uma história mitológica, envolvendo lutas entre os deuses do Olimpo: Vênus e Marte, Baco e Netuno.

CAPITU – (Olha assustada para Iracema) Muito bem! Gostei de ver seu empenho, Iracema! Mas a verdade é que inspirado nessa grande aventura de Vasco da Gama, Camões escreveu o poema épico *Os Lusíadas* e provou em seus versos que, depois de Vasco da Gama, o homem ficou maior e o mundo, menor.

IRACEMA – “As armas e os barões assinalados / que da Ocidental praia lusitana / por mares nunca dante navegados / passaram além da Taprobana / em perigos e guerras esforçados / mais do que prometia a força humana / entre gente remota edificaram / novo reino que tanto sublimaram”. Trecho de Lusíadas de Camões! Que lindo, né! Não entendi quase nada, mas achei lindo!

CAPITU OLHA REPROVANDO O COMENTÁRIO

IRACEMA – Capitu, sabia que esse tema de grandes navegações inspira poetas a falarem de amor também, poemas cantados que podem ser chamados de ODES, ou mesmo poemas de perdas e desventuras em mares sempre dantes navegados que se chamam AMOR?

PERI E HELENA - Declamação do poema “Aviso à Navegação”, de Joaquim Namorado.

NAMORADO. JOAQUIM. Aviso à Navegação. **Poemas. Novo Cancioneiro, volume 4**. Porto: Porto Editora. Lisboa, 2020.

Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$aviso-a-navegacao](https://www.infopedia.pt/$aviso-a-navegacao)

IMAGEM NO TELÃO DE UMA CARAVELA

CORAL E BANDA – “Barquinho de papel”, da dupla Anavitória.

ANAVITÓRIA, **Barquinho de papel**. Ao vivo. São Paulo, 2017.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fyOb_rCTiSw

IMAGEM NO TELÃO DE UM BARQUINHO DE PAPEL

MALU – A língua portuguesa se expandiu pela força e arrojo do seu povo falante. Viajou nas caravelas dos descobridores, que deram "novos mundos ao mundo", desde o século XV. Acompanhou os descobridores por toda a costa oeste, da África até o Cabo da Boa Esperança, e lá se instalou como veículo de comunicação.

AURÉLIA – Viajou com eles pela costa leste da África e seguiu para o Oriente, para a Índia, para o Japão, para a China, para o Timor, para a Indonésia e Ilha das Flores e lá ficou implantada, germinando e multiplicando-se para sempre. Passou também, pioneira, com os navegadores pela Austrália. Viajaram por todas as Américas, do norte, central, sul, ilhas do Caribe e fixou-se, implantada definitivamente, e principalmente aqui no Brasil.

CAPITU – A 9 de março de 1500 saiu a armada de Portugal. Em apenas cinco dias percorreu 700 milhas até as ilhas Canárias. E em mais 8 dias achou-se nas ilhas de Cabo-Verde. Desapareceu uma das naus, mas a armada prossegue.

O ALUNO BASÍLIO (QUE ESTÁ REPRESENTANDO PERO VAZ DE CAMINHA) APARECE EM CENA, EMPURRA CAPITU E FALA PARA A PLATEIA, COM TOM ELOQUENTE, COMO NUM DISCURSO POLÍTICO.

BASÍLIO – Eu sou Pero Vaz de Caminha, uma espécie de blogueiro de viagem do Quinhentismo, sou eu que tenho que contar o que foi que realmente aconteceu ou fantasiar um pouco e fazer literatura das minhas cartas ao rei de Portugal sobre essa viagem que cá nos trouxe a esta terra que hoje chamam de Brasil.

CAPITU FICA NA LATERAL DO TEATRO OBSERVANDO BASÍLIO, SEM SABER O QUE FAZER.

BASILIO – Finge que lê um trecho a *Carta de Caminha*, enquanto no telão é exibido o vídeo de 500 anos de Brasil, propaganda dos Correios.

APRESENTAÇÃO NO TELÃO DO VÍDEO DE 500 ANOS DE BRASIL, PROPAGANDA DOS CORREIOS EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DE DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RcVN9HrjfLs>

CAPITU – Legal, gostei! Escreve bem esse Pero Vaz de Caminha, mas acho que tem mais história aí que ele não contou. Na minha imaginação essa história seria assim:

NESSE MOMENTO COMEÇA UM TEATRO DE CAMINHA COM O REI DE PORTUGAL (BASÍLIO E ESAÚ, RESPECTIVAMENTE).

ESSA APRESENTAÇÃO FOI LIVREMENTE INPIRADA NUMA CENA DO CANAL PORTAS DO FUNDO, INTITULADO PERO VAZ.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1XBDunN6b8>

REI DE PORTUGAL – Pero Vaz de Caminha, seja bem-vindo de volta!

CAMINHA – Obrigado, primeiramente!

REI DE PORTUGAL – Como foi a viagem?

CAMINHA – Foi top, inesquecível!

REI DE PORTUGAL – Eu notei pela sua carta: Majestade, pode vir que tá valendo! Pessoal tá animadaço! Uhuu!! Muito uhuu! Kkkk! Aqui não tem *bad* não, é só felicidade!

CAMINHA – Eu falei isso, é?

REI DE PORTUGAL – Eu queria entender um pouco...

CAMINHA – Então, é que eu escrevi a carta meio doidão mesmo, a festa lá é animada, eu estava bem bêbado. O pessoal lá falou: Manda essa carta, não, Pero! Não se manda mensagem de nenhuma espécie bêbado, se tivesse celular, na época, eles teriam me tomado o celular da mão.

REI DE PORTUGAL – É que você não descreveu nada sobre a Geografia do local...

CAMINHA – É que acabou escapando, assim essa parte, mas posso falar também, se o senhor quiser, sempre tem como inventar um pouco, posso perguntar pra alguém que não bebeu nada, sei lá, ou eu invento mesmo, não quero deixar o senhor na mão... Quer que eu fale, eu falo...

REI DE PORTUGAL – Então me fale como era...

CAMINHA – Como era o quê?

REI DE PORTUGAL – O que tinha lá, por exemplo, as pessoas, como eles receberam vocês, o que vocês fizeram, a língua que eles falam...

CAMINHA – Tinha índio... tinha índia... indiozinhos... tinha montanha, tinha mar...

REI DE PORTUGAL – Claro que tinha mar, se vocês chegaram lá é porque tinha mar...

CAMINHA – Verdade...

REI DE PORTUGAL – Pero Vaz de Caminha, eu quero detalhes, quando te enviei me disseram que você era um grande escritor, que só tirava nota 1000 na redação do ENEM...

CAMINHA – Detalhes! Eu sou muito bom em detalhes! Tinha bicho, tinha fruta, mas não sei muito bem explicar porque eu não sou muito bom em biologia...

REI DE PORTUGAL – (Impaciente) Pero, o que vocês fizeram lá?

CAMINHA – O senhor quer mesmo saber?

REI DE PORTUGAL – Claro!

CAMINHA – Vossa Majestade não pode imaginar o que foi aquilo. Era tanta índia pelada, todo mundo tão à vontade, simpático, mesmo, querendo fazer amizade, se é que o senhor me entende... Uma mulherada bonita, de pele morena, não era essas branqueiras daqui de Portugal, não...

REI DE PORTUGAL – Pero, eu vou te parar aí, se fosse para te mandar para fazer mochilão de formatura, eu tinha pago para você fazer EUROTRIP, que saía até mais barato para mim, seria um intercâmbio e você voltava cheio de novidades... O que vocês fizeram além de roquear, porque a palavra é essa, parece que vocês foram para roquear. Estou enganado, Pero? O que vocês fizeram lá?

CAMINHA – Eu não vou mentir pro Senhor, não, aquilo virou uma farra, mas não foi só eu, não, todo mundo estava na mesma vibe...

REI DE PORTUGAL – Vibe... Todo mundo estava na mesma vibe... Pero Vaz de Caminha... A coisa do descobrimento, o objetivo era explorar as terras... O que você me diz disso??

CAMINHA – Ah!... Era isso que era pra fazer?

REI DE PORTUGAL – Era, Pero, era isso mesmo...

CAMINHA – Ih! Acho que não passaram isso para Pedro Álvares Cabral, não, porque ele também estava doidão... Eu acho que ele estava achando que o objetivo principal era procriar...

REI DE PORTUGAL – Pero Vaz de Caminha, chega! Vai agora escrever essa carta e trata de escrever decentemente porque isso vai ficar para a posteridade, isso vai ser contado na história do descobrimento do Brasil, o que vão pensar de vocês! Seu fanfarrão! Só apareça na minha frente com essa carta prontinha!

CAMINHA – Sim, senhor! (E começa a fingir que está escrevendo a carta e vai falando um trecho da Carta de Caminha e saindo lentamente do palco).

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ah! Meu Deus, quanta inocência naquelas índias, ai meu Deus, que vontade de voltar para o Brasil! (PERO VAZ VAI FALANDO ESSE TRECHO E SAI DE CENA. NESSE MOMENTO VOLTA CAPITU PARA O PALCO COMO SE ELA ESTIVESSE IMAGINANDO AQUELA CENA.)

CAPITU – É mais ou menos isso que eu acho que aconteceu. Imagina aquele monte de português, chegam aqui e se deparam com aquele monte de mulher sem roupa, totalmente diferente de Portugal. Bom, vamos deixar os achismos de lado. A verdade é que a partir do descobrimento todos quiseram retratar através da língua portuguesa as belezas desta terra chamada Brasil, num movimento ufanista, ou seja, ultranacionalista, de engrandecimento da pátria que mais tarde seria criticado por outros tantos poetas e cantores. Críticas e julgamentos à parte, a verdade é que determinados textos e músicas ficaram para sempre em nosso imaginário. Com vocês: “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e “Pátria Minha” (trecho), de Vinicius de Moraes.

IMAGEM DO PARAÍSO

AURELIA - Declamação do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias.

DIAS, GONÇALVES. **Primeiros cantos: Canção do Exílio**. Série Poesias americanas. 1846.

Disponível em:

<https://www.revistaprosaveroarte.com/goncalves-dias-poemas/>

MACABEA E HELENA – Declamação do poema “Pátria Minha”, de Vinicius de Moraes

MORAES, Vinicius. Pátria minha. **Antologia poética, volume I**. Organização Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro, 2017.

JULIANA – Quanto tempo se passou da primeira canção do exílio, da primeira voz que canta essa pátria! Quanto tempo! Quanta coisa mudou, quanta coisa permanece igual! Quanta coisa que parece que nunca vai mudar. Que cara tem hoje essa terra onde cantam os sabiás?

BANDA E CORAL – “Brasil”.

CAZUZA. **Brasil**. Rio de Janeiro, Ao vivo, 1985.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PP1ceTYUk4E>

ESCOBAR – As pessoas mais conscientes e sensíveis têm orgulho de falar a Língua Portuguesa. Há muita gente que ama de paixão essa língua, que é a marca de nossa identidade sociocultural. Estimá-la é estimar-se. Nossa língua marca nosso DNA cultural.

JOÃO ROMÃO – Nossa língua e nossa cultura têm belezas ocultas que os olhos puristas não podem ver. Nossa língua é bela; tem mistura, tem história, tem força, tem sabedoria, tem mistério, tem paixão. É nosso instrumento de pensar, de sentir, de se comunicar, de interagir, de conviver e de se exprimir.

PEDRINHO – Muitos analisam as estruturas formais e linguísticas, a arquitetura e até a arqueologia da nossa língua e dos textos literários, mas poucos conseguem penetrar em sua alma, no espírito e na sabedoria que a unifica e lhe dá vida, graça, encanto e sentido profundo. A literatura serve para também comunicar, para promover a interação entre as pessoas e tocá-las ou quem sabe transformá-las.

BEATRIZ – O estudo da língua portuguesa, na escola, tem como foco as regras e usos da língua culta padrão, mas nosso contato com ela vem desde quando somos muito pequenos, ainda na infância, e começamos a usá-la a nosso modo, aprendendo com nossos pais, familiares e todos com quem convivemos. A verdade é que temos uma gramática interna e por isso o estudo de português não deveria intimidar ninguém, afinal: minha língua é minha pátria!

CAPITU (Aparece com um grande dicionário) – A língua de um povo é bem mais do que dizem as palavras de um dicionário.

EMILIA – Eu também não quero saber de explicações sobre a língua portuguesa, não agora, não quero a sintaxe, nem a morfossintaxe, nem a ortografia, quero a semântica, quero a minha semântica, quero sentir cada palavra entrando em mim. Quero a licença poética, a palavra que fala ao meu coração, a liberdade de transgredir as normas por uma bela rima e quero sentir a métrica, o ritmo e a harmonia, que fogem do padrão gramatical. Eu quero o “Beija eu” de Marisa Monte! E VIVA A LICENÇA POÉTICA!

BANDA E CORAL – “Beija eu”, de Marisa Monte
MONTE, MARISA. **Beija eu**. Rio de Janeiro, 2012.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1i7iRkzQNXk>

ANA TERRA – O tema “amor” sempre foi território fértil para poetas e escritores. Certamente você já deve ter recorrido a algum poema de amor durante sua vida. Parece-nos que, em algumas ocasiões, nossas palavras não abarcam a complexidade de nossos sentimentos e somos tomados por uma inexplicável dificuldade de nos expressar.

VIRGILIA – A poesia estabelece conosco uma conexão muito próxima, provocando diferentes repercussões na vida e nas emoções das pessoas. O amor sempre foi tema recorrente para muitos artistas, especialmente para os artistas das palavras. Interessante notar o quanto o amor é um assunto atemporal. De Olavo Bilac a Paulo Leminski, de Vinicius de Moraes a Roberto Carlos, de Mario Quintana a Projota; em diferentes épocas, diferentes pontos de vista, diferentes sensações e definições para o amor. Não importa a época ou autor, falar de amor nunca sairá de moda. Ouça o que preparamos para vocês e apaixonem-se!

IMAGEM NO TELÃO SOBRE O AMOR

DECLAMAÇÃO POR DIFERENTES ALUNOS E DE FORMAS DIFERENTES, COMO DUPLAS, TRIOS, JOGRAIS, OS SEGUINTE POEMAS DE AMOR: “SONETO”, DE CAMÕES, “SONETO DE FIDELIDADE”, DE VINICIUS DE MORAES, “PRESSÁGIO”, DE FERNANDO PESSOA, “AMAR VOCÊ É COISA DE MINUTO”, DE PAULO LEMINSKI, E “FANATISMO”, DE FLORBELA ESPANCA. Disponíveis em:

https://www.pensador.com/soneto_da_fidelidade_vinicius_de_moraes/

<https://www.pensador.com/busca.php?q=CAMONES+AMOR+%C3%89+FOGO>

<https://www.pensador.com/busca.php?q=PRESSAGIO+FERNANDO+PESSOA>

https://www.pensador.com/fanatismo_florbela_espanca/

<https://www.pensador.com/busca.php?q=PAULO+LEMINSK+AMAR+VOE+%C3%89+COISA>

CAPITU – Gostaram, né? Sabia que iam gostar!

VIRGILIA – A língua portuguesa é viva e, por isso, está em constante mudança. Esse dinamismo reflete as transformações que ocorrem na sociedade, mas há um tema que é atemporal, sempre se repete: é a busca por um paraíso perdido, por um lugar onde a gente se encontre num ambiente calmo, de ventos brandos, com flores, e onde haja uma vida simples, longe da conturbada e artificial vida urbana. Fiquem agora com “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, e a canção “Vilarejo”, de Marisa Monte.

LÍVIA E AURÉLIA - Declamação do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**, Editora Alumbamento. Rio de Janeiro, 1986.

Disponível em: http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp

IMAGEM DO PARAÍSO NO TELÃO

BANDA E CORAL – “Vilarejo”, Marisa Monte.

MONTE, MARISA. **Vilarejo**. Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWIhhIVhODo>

AURÉLIA – As palavras carregam em si um sentimento especial que, dependendo da situação vivenciada, surtirá um determinado efeito. Quem quiser seduzir, comandar, influenciar terá de saber escolher bem o repertório vocabular para agir, diferentemente daquele que age por impulso.

CAPITU – É verdade, as palavras têm muita força, por isso cuidado com elas.

BRÁS CUBAS – A união da palavra e da música é atemporal e transversal a todas as culturas e a quase todos os gêneros e correntes estéticas, tanto da tradição erudita como da popular, surgindo também em várias obras puramente instrumentais por via da inspiração literária.

JOÃO ROMÃO – “Véi”, fica ligado com a força que as palavras têm, principalmente a palavra que chega aos ouvidos das pessoas em forma de música. Cuidado com a palavra conscientizadora que chega aos ouvidos em forma de RAP...

BRÁS CUBAS – Mano, a poesia do Rap é um intuito da arte da periferia que pertence a um Brasil real. O Rap, assim como o Grafite, é uma forma de arte que serve como uma forma de expressão de uma classe injustiçada, que sofre tanto desmerecimento.

BENTINHO – E, para aquele que ainda não sabe do que estamos falando, vou te jogar a real: Mano, rap é a palavra em forma de discurso, de protesto social, é a poesia que surge na rua. É poesia de rua cheia de atitude, que tenta combater a pobreza, a violência, o racismo, a falta de educação e o tráfico de drogas.

JOÃO ROMÃO – Mano, se liga, a cidade grita. A voz da cidade pode ser ouvida por todos, mas a maioria opta por ignorar todo o eco que a cidade faz. A vida dura, os sofrimentos, as revoltas, a tentativa de mudar, tudo isto está impresso nos muros da cidade, e no rolê do asfalto quente. O poeta é aquele

que enfrenta a cidade, que tenta mudar a ordem das coisas. Um muro com uma poesia, mano, não é apenas um muro: é a vida.

CAPITU - Com vocês, “Rezadeira” e um salve pra rapaziada do GALDINO!

BANDA E CORAL: “A Rezadeira”, de Projota.

PROJOTA. **A Rezadeira**. Clipe oficial. São Paulo, 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYDESzxeeT4>

CAPITU – Gente, o sarau agora vai falar de palavrão e, como eu sou uma mocinha comportada, vou dar espaço para os meninos que entendem bem disso! Com vocês Vadinho e Bentinho.

VADINHO – Palavrão, segundo os dicionários, é palavra chula, grosseira, torpe, obscena, imoral, ofensiva, sem decoro, infame, vergonhosa, indecente, repugnante, imprópria, rude, termos sujo e baixo, dentre outros.

BENTINHO – O mais incrível é que com todos estes sinônimos muitos acham que não há problema algum falar palavrões e que isso realmente é parte da nossa cultura. Essa, sem dúvida alguma, é uma cultura lamentável!

Escutamos palavrões nas casas, nas escolas, nas ruas, no ônibus, no esporte em geral, mas principalmente e com muito exagero, no futebol.

VADINHO – Mas os palavrões não nasceram por acaso. São recursos até válidos e criativos para prover nosso vocabulário de expressões que traduzem com a maior fidelidade nossos mais fortes e genuínos sentimentos. É o povo fazendo sua língua.

BENTINHO – Muitos criticam quem fala palavrões e reconheço que em muitas situações um palavrão é realmente grosseiro. Mas, agora, vocês todos aqui da plateia vão me perdoar, mas vou ter que sair do roteiro e preciso dizer alguns palavrões, desculpem os mais velhos, desculpa aí, professora, mas vou dizer alguns palavrões: CORRUPÇÃO, ROUBALHEIRA, MENSALÃO, INJUSTIÇA, E AINDA TEM OS PALAVRÕES COM PALAVRAS COMPOSTAS:

FALTA DE RESPEITO COM A CONSTITUIÇÃO
ROUBO DE MERENDA
DESVALORIZAÇÃO DE MÉDICOS E PROFESSORES
DESIGUALDADE SOCIAL

VADINHO – Palavrão, mano, é a fome e a miséria, a falta de respeito e a sacanagem que estão fazendo com o povo, palavrão é não ter leito nos hospitais e nem a confiança da justiça dos tribunais. Que país é esse?

BANDA E CORAL – “Que país é esse?”, Legião Urbana.

RUSSO, Renato. **Que país é esse.** Rio de Janeiro, Clipe oficial, 1985.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqttYsSYA3k>

CAROLINA – No estudo da língua portuguesa, o foco é obviamente a língua, suas regras, seus usos, seus textos. Mas será que dá mesmo para explicar e conceituar todas as palavras da nossa língua?

CAPITU – A Língua Portuguesa é a nossa língua pátria, a nossa língua. E é, sobretudo, por meio dela que nos identificamos como sendo o povo que somos. É nela que expressamos nossos sentimentos, nossas dores, nossas orações. É essa língua que nos distingue e que nos une. E que faz ponte entre os que partiram e os que ficaram, que nos congrega na fraternidade dos diversos povos que já passaram e passam por aqui.

AURÉLIA – A expansão marítima e a imigração foram dois fatores decisivos na difusão da língua portuguesa. Essa língua que embarcou nas caravelas e ligou-se a outros povos enriqueceu com a diversidade e continua um mecanismo vivo. Cada imigrante que ainda chega ao nosso país acaba trazendo particularidades da sua língua de origem, eles vão se adaptando e nós também...

RODRIGO – Língua oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, o português está

entre os dez idiomas mais falados no mundo, de acordo com Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Nos últimos anos, ele tem sofrido influência direta da internet, e o advento das redes sociais deu um empurrão nesse quadro.

JULIANA – Na Internet, o português já é a quinta língua mais usada. Nas redes sociais, como Facebook e Twitter, é a terceira. Somos nós, falantes da língua portuguesa, querendo ultrapassar as fronteiras.

CAPITU – A ambição é também desbravar caminhos no sentido da difusão do português como língua internacional, ou seja, nunca paramos de nos reinventar e de conquistar novas terras para levar a Língua Portuguesa a todos os lugares do mundo e assim fazer com que outros povos tenham a emoção de um poema de Camões, um soneto de Vinicius, um ensaio de José Saramago, um conto de Machado de Assis, um poema de Fernando Pessoa, uma canção de Chico Buarque... e por aí vai... E agora que já estamos chegando ao fim do nosso sarau, mais uma expressão de amor à nossa língua com o poema de Caetano Veloso, na voz da nossa amiga DIVA.

DIVA – Declamação do poema/canção “Língua”, de Caetano Veloso.

COREOGRAFIA DA CANÇÃO “DEIXE ISSO PRA LÁ”, INTERPRETADA POR LULU SANTOS.

SANTOS, LULU. Deixe isso para lá. Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8txjx09dTpl>

CAPITU – E aí, gostaram do sarau? E aí, Luisa, gostou?

LUISA – Amei, Capitu, você tinha razão, nossa língua é muito rica. E, mesmo que gostemos de música e cultura americana, precisamos também valorizar a nossa língua e a nossa cultura.

CAPITU – Eu tinha certeza de que vocês iriam gostar! Mas vamos parando por aqui! Espero que tenham gostado de conhecer um pouquinho mais sobre

nossa língua. Agora deixo vocês com um questionamento: Afinal, existem palavras suficientes no mundo que possam traduzir o amor, ou palavras para nos definir, para dar identidade a um povo? Alguns poetas arriscaram-se nessa difícil arte de decifrar o intangível tema. Mas eu ainda me pergunto: Será que ainda existe alguma palavra que nunca foi dita? Fica aí o convite para celebrarmos essa língua tão maravilhosa que é a Língua Portuguesa falada no Brasil!

CAMILA – A nossa língua é mesmo uma festa, nosso ritmo, nossa malemolência, não tem quem não se encante com a nossa batucada. A nossa língua vai muito além do que se fala, do que se canta ela está na nossa essência, ela representa a nossa brasilidade. Vem pra cá sentir, cantar e dançar vem pra cá festejar!

COREOGRAFIA DA MÚSICA: “Você chegou”, do grupo Barbatuques.

Disponível em: www.youtube.com › watch

FALA FINAL DA PROFESSORA RENATA:

Nosso Sarau chegou ao fim, espero que tenham gostado! Mas antes de me despedir gostaria de agradecer àqueles que são a alma dessas apresentações: os alunos que toparam participar dessa loucura que é produzir um sarau literário e musical. É por vocês que tudo vale à pena! O que tivemos aqui foi o verdadeiro espírito de equipe, cada um deu o seu melhor e todos foram extremamente importantes. Somos todos um só, foi o lema do nosso sarau. Eu sempre digo que, quando o aluno volta à escola depois da aula para qualquer tipo de atividade extraclasse que a escola promova, é porque valeu a pena tudo que nós educadores estamos fazendo. Ver vocês aqui, me faz acreditar que estamos no caminho certo.

Agora preciso agradecer ao João Victor, nosso ex-aluno, pibidiano de nossa escola, que assumiu o posto de nosso coreógrafo. Muito obrigada!

Depois preciso agradecer ao pessoal da técnica que ninguém vê, mas que fazem as coisas acontecerem. Obrigada!

Obrigada ao pessoal do Teatro Municipal Rubem Braga, que sempre nos recebe tão bem! Quero agradecer aos meus outros ex-alunos, que sempre me acompanham nessa jornada.

E por fim, mas não menos especialmente, quero agradecer ao pessoal da banda, do coral regido pela professora de música Gabriela Lélis, às aulas de história da professora Luciene Carla Francelino e às aulas de teatro, com a professora Viviane Corrêa. Sempre tive a certeza de que poderia contar com vocês, e espero sinceramente vê-los brilhando em outros palcos desse louco espetáculo que se chama vida! Obrigada! Boa noite! E até a próxima!

ANEXO A – Modelo de autorização feita para a direção da escola

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIMENTO

Cachoeiro de Itapemirim, 02 de abril de 2018.

Prezado (a) diretor (a),

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa elaborado pela Comissão de Ética desta instituição, apresento-lhe o projeto de pesquisa intitulado, O TEXTO POÉTICO POR MEIO DE SARAU LITERÁRIO: INTERVENÇÕES COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II, que no momento desenvolvo no âmbito do Mestrado, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo. A pesquisa tem como objetivo principal a produção de um sarau literário, que será apresentado no Teatro Municipal *Rubem Braga*. Acredito que os resultados poderão contribuir para melhorar a qualidade da minha prática docente, bem como da realidade escolar em que atuo. Tomarei como sujeitos da pesquisa alunos e/ou grupo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Por isso venho pedir sua colaboração. As atividades serão feitas no âmbito da escola, nos períodos de aula, bem como no seu contra turno, com a devida permissão dos pais dos alunos envolvidos e sob a minha responsabilidade. Como é de praxe, os resultados serão disponibilizados aos interessados no relatório final da dissertação, podendo também ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos. Sem a sua colaboração, esta pesquisa será inviabilizada. Por isso, solicito sua autorização para usar os dados coletados. Se estiver de acordo, firme o termo de consentimento a seguir.

Renata Pereira Vieira, CPF

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito da pesquisa: O TEXTO POÉTICO POR MEIO DE SARAU LITERÁRIO: INTERVENÇÕES COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II, que a Professora Renata Pereira Vieira realiza como projeto de Mestrado em Letras no Profletras – Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, com as quais a pesquisadora se comprometeu. Em vista disso, autorizo a utilização dos dados por mim fornecidos para a citada pesquisa.

Cachoeiro de Itapemirim, 02 de abril de 2018.

Nome

Rubrica

ANEXO B – Modelo de termo de assentimento livre e esclarecido aos pais dos alunos envolvidos no projeto da pesquisa.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIMENTO

Cachoeiro de Itapemirim, 02 de abril de 2018.

Eu, _____, de número de CPF _____, responsável pelo(a) estudante _____, cursando _____ do ensino fundamental na EMEB “Galdino Theodor da Silva” autorizo a participação desse(a) educando(a) na pesquisa “O texto poético por meio de sarau literário: intervenções com alunos do ensino fundamental II” – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, IFES campus Vitória(ES), conduzida pela pesquisadora Renata Pereira Vieira que será realizada na unidade municipal de ensino. Entendo que neste estudo o(a) estudante irá realizar atividades dentro e fora da escola com o objetivo principal da produção de um sarau literário intitulado *Minha Língua, Minha Pátria*, que vai gerar um manual com atividades para que outros professores, que se interessarem, possa, utilizá-lo. Sei que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail ética.pesquisa@ifes.edu.br ou pelo telefone (27) 33577518, bem como com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória ou pelo telefone (27) 3331-2247. Tenho ciência de que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do aluno.